

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA  
LICENCIATURA EM DANÇA

MARIANA WOLFFENBUTTEL

Cavalheiros de Aluguel: Um estudo sobre  
Contratantes e Contratados em dança de salão na cidade de Porto Alegre.

Porto Alegre  
2023

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado pela acadêmica Mariana Wolffenbuttel do Curso de Licenciatura em Dança da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito para a obtenção do Grau de Licenciado em Dança.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Maria Luisa Oliveira da Cunha

Porto Alegre

2023

Mariana Wolffenbuttel

Cavaleiros de Aluguel: Um estudo sobre  
Contratantes e Contratados em dança de salão na cidade de Porto Alegre.

Conceito final:

Aprovado em ..... de .....de.....

BANCA EXAMINADORA

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Márcio Pizarro Noronha - UFRGS

\_\_\_\_\_  
Orientador – Prof. Dra . Maria Luisa Oliveira da Cunha - UFRGS

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho às mulheres incríveis que, com coragem e determinação, se reinventam a cada passo, encontrando formas de se fazerem presentes e pertencerem plenamente, onde quer que escolham estar

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar minha gratidão a todas as pessoas que tornaram possível a conclusão deste trabalho. Este percurso foi enriquecido pelas experiências compartilhadas com muitas pessoas, e agradeço a todas que caminharam comigo, nenhum passo foi insignificante.

Primeiramente, à minha família, cujo apoio constante foi meu alicerce. Vocês foram minha força, inspiração e motivação, incentivando-me a alcançar novos patamares. Cada conquista é dedicada a vocês.

Aos meus professores e mestres de dança, dentro e fora da universidade, que não apenas compartilharam seus conhecimentos, mas também guiaram-me através da linguagem expressiva da dança. Suas aulas foram mais do que lições; foram jornadas de descobrimento e autodescobrimento.

Um agradecimento especial à minha orientadora, Maria Luisa Oliveira da Cunha, cuja orientação sábia e incentivo constante foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho.

Agradeço especialmente às pessoas entrevistadas, que dedicaram o seu tempo para compartilhar comigo um pouco de suas histórias e tornaram possível a concretização deste trabalho.

Por fim, dedico uma palavra de gratidão a todas as pessoas que cruzaram meu caminho e dançaram comigo ao longo desta jornada. Cada interação e experiência moldaram meu percurso, e agradeço por cada conexão única.

Que este trabalho não seja uma conclusão, mas sim um novo começo. Que as lições aprendidas e as relações construídas continuem a inspirar-me e a todos que compartilharam este capítulo comigo.

Muito obrigado a todos!

## EPÍGRAFE

*“ Sentindo frio em minha alma  
Te convidei pra dançar  
A tua voz me acalmava  
São dois pra lá, dois pra cá”*

*João Bosco e Aldir Blanc*

## RESUMO

A dança de salão tem uma história rica e diversificada, evoluindo ao longo do tempo e incorporando influências de várias culturas ao redor do mundo. É uma forma de expressão artística que envolve a combinação de passos de dança, ritmos musicais e interação entre parceiros. Por ser uma dança social, a interação entre os praticantes dessa atividade é um aspecto fundamental para análise e entendimento dessa prática. O contrato de cavalheiros por mulheres para acompanhá-las nos bailes é uma prática recorrente, no entanto poucos estudos abordam esse tema. Este trabalho busca explorar, através de uma perspectiva histórico-cultural, essa prática, analisando o surgimento e a disseminação desse modo de interação no contexto da dança social e nos ambientes de baile. A pesquisa baseia-se em revisão bibliográfica e entrevistas realizadas com profissionais da dança e praticantes envolvidos nessa atividade, seguindo os preceitos do método de pesquisa da história oral. Foi possível notar diferentes percepções e motivações das contratantes e dos contratados. Percebe-se que o contrato na dança preenche uma necessidade de contato e interação que as mulheres não estavam encontrando no baile e a independência (emocional e financeira) atingida por essas mulheres possibilitou esta prática. A conexão entre a dança de salão e as transformações sociais, evidencia como ela desempenha um papel significativo na promoção da sociabilidade, incorporando as mudanças sociais bem como influenciando essas mudanças.

**Palavras-chave:** Dança de Salão, Cavalheiro de Aluguel, Personal dancer, baile, socialização

## ABSTRACT

Ballroom dancing has a rich and diverse history, evolving over time and incorporating influences from various cultures around the world. It is a form of artistic expression that involves the combination of dance steps, musical rhythms and interaction between partners. As it is a social dance, the interaction between practitioners of this activity is a fundamental aspect for analyzing and understanding this practice. The hiring of gentlemen by women to accompany them to dances is a recurring practice, however few studies address this topic. This work seeks to explore, through a historical-cultural perspective, this practice, analyzing the emergence and dissemination of this mode of interaction in the context of social dance and dance environments. The research is based on a bibliographical review and interviews carried out with dance professionals and practitioners involved in this activity, following the precepts of the oral history research method. It was possible to notice different perceptions and motivations of the hiring party and the hired party. It is clear that the dance contract fills a need for contact and interaction that women were not finding at the dance and the independence (emotional and financial) achieved by these women made this practice possible. The connection between ballroom dancing and social transformations highlights how it plays a significant role in promoting sociability, incorporating social changes as well as influencing these changes.

**Keywords:** Ballroom Dancing, Personal dancer, dance, socialization.

## LISTA DE TABELAS

Tabela 01- Perfil dos entrevistados - contratados

Tabela 02- Perfil dos entrevistados - contratantes

## LISTA DE ABREVIATURAS

- E01 - Entrevista número 1
- E02 - Entrevista número 2
- E03 - Entrevista número 3
- E04 - Entrevista número 4
- E05 - Entrevista número 5
- E06 - Entrevista número 6
- E07 - Entrevista número 7
- E08 - Entrevista número 8

## ANEXOS

<b>ANEXO I - CARTA DE APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>44</b>
<b>ANEXO II - ROTEIRO DE ENTREVISTA.....</b>	<b>45</b>
<b>ANEXO III - CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS AUTORAIS SOBRE DEPOIMENTO ORAL.....</b>	<b>47</b>
<b>ANEXO IV - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....</b>	<b>48</b>
<b>ANEXO V - ENTREVISTAS.....</b>	<b>49</b>

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>2 REVISÃO DE LITERATURA</b> .....	14
2.1 O Baile.....	14
2.2 O Baile chega ao Brasil.....	17
2.3 O Baile como espaço de sociabilidade.....	20
2.4 Cavalheirismo.....	21
2.5 Do “chá-de-cadeira” ao Cavalheiro de Aluguel.....	22
<b>3 METODOLOGIA</b> .....	25
3.1 Procedimentos.....	26
3.2 Problema de Pesquisa.....	26
3.3 Objetivo Geral.....	26
3.4 Objetivos Específicos.....	26
<b>4. APRESENTAÇÃO, INTERPRETAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS</b> .....	28
4.1 O Cavalheiro de Aluguel.....	28
4.2 A Dama que o contrata.....	30
4.3 Cavalheirismo por contrato - como funciona.....	33
4.4 Segue o baile - mudanças percebidas e possibilidades futuras.....	36
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	41
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	43
<b>ANEXOS</b> .....	44

## 1. INTRODUÇÃO

Este estudo pretende, por meio de uma abordagem histórico-cultural, investigar a prática do contrato<sup>1</sup> na dança de salão em Porto Alegre, o aparecimento e a popularização dessa forma de interação no meio da dança social e no baile, a partir de pesquisa bibliográfica e entrevistas com profissionais de dança e praticantes envolvidos nessa atividade. Minha aproximação com o tema se deu pelo meu envolvimento pessoal na prática de dança de salão desde 2011, quando comecei a frequentar aulas e bailes, ao longo dos anos pude perceber mudanças no comportamento e nas relações entre os pares nesse contexto. O baile sempre fez parte da vida social das pessoas e é regido por regras de comportamento e interação entre seus participantes, o contrato de par para o baile é uma forma de interação interessante a ser estudada e compreendida, pois marca uma mudança nessas relações.

Justifico minha escolha, acreditando que entender as mudanças de comportamento no baile pode nos auxiliar a entender as mudanças sociais em outras esferas da sociedade, a dança de salão está em constante transformação e esse é um tema ainda pouco explorado, pretendo com esse trabalho fomentar novas pesquisas na área. Não existem estudos que tratam do contrato na dança de salão na cidade de Porto Alegre. Alves (2004) desenvolve a pesquisa sobre o tema na cidade do Rio de Janeiro quando ainda era recente o surgimento dessa prática e ela é minha principal referência bibliográfica do assunto, Siqueira (2011) aborda essa questão em Fortaleza e complementa as percepções apontadas por Alves.

Este trabalho está dividido da seguinte maneira: O primeiro capítulo é esta introdução que ambienta o leitor sobre o tema e as justificativas para sua escolha; No capítulo II temos a Revisão de Literatura onde abordo o contexto do surgimento e desenvolvimento do baile de dança de salão, a chegada da dança de salão no Brasil, o baile como espaço de sociabilidade e as mudanças de comportamento e interação no baile a partir do contrato de pares para dança. No capítulo III apresento a metodologia deste estudo onde utilizamos a história cultural e a história oral abordando as entrevistas realizadas na construção deste trabalho de conclusão de

---

<sup>1</sup> Prática de contratar dançarinos (cavalheiros na dança de salão) como acompanhantes para a prática de dança nos bailes. Essa relação, como veremos ao decorrer do trabalho, oscila entre a informalidade e a formalidade e é permeada por relações de poder, como a ideologia do cavalheirismo e a relação monetária que se estabelece nesse contexto.

curso. Em seguida, no capítulo IV, apresento, interpreto e analiso os dados obtidos através da abordagem metodológica. Por fim, o capítulo V traz as considerações finais seguidas das referências bibliográficas.

## 2. REVISÃO DE LITERATURA

### 2.1. O BAILE

A dança de salão é uma forma de dança social, dançada em par, que se originou na Europa durante o período Renascentista (PERNA, 2001; VERGO, 2006; NUNES, 2016) e ao longo dos séculos, evoluiu e ganhou popularidade em todo o mundo. Tem suas raízes no século XVI, nas danças de corte europeias. Essas danças eram frequentemente coreografadas e executadas em ambientes formais, refletindo a hierarquia social da época (PERNA, 2001; NUNES, 2016).

Nos séculos XVII e XVIII, durante a era barroca, o minueto tornou-se popular caracterizado por movimentos elegantes e refinados. Inicialmente, o minueto era uma dança lenta e solene executada em bailes da corte (NUNES, 2016), com o tempo, ele se tornou uma dança mais rápida e animada. É uma dança de par, na qual os dançarinos movem-se de forma graciosa e elegante pelo salão. Os passos são caracterizados por movimentos rítmicos, cortesias, reverências e trocas de lugar entre os casais. Os dançarinos frequentemente realizam voltas e giros enquanto se movem em um padrão coreografado.

Neste período, o minueto tornou-se a dança de salão mais popular nas cortes europeias (NUNES, 2016) sendo amplamente difundido e apreciado até o século XIX. Embora tenha perdido parte de sua popularidade com o tempo, é frequentemente incorporado a eventos históricos e encenações teatrais.

As contradanças, também conhecidas como "country dances" ou "contredanses", são danças de salão em grupo que se tornaram populares nos séculos XVII e XVIII na Europa (PERNA, 2001). Elas eram dançadas por várias pessoas organizadas em linhas ou formações em quadrado. As contradanças consistiam em uma série de movimentos coreografados executados pelos pares de dançarinos em resposta a comandos ou sequências musicais. Elas incorporavam uma mistura de passos, giros, trocas de lugar e formações complexas.

As contradanças variavam de acordo com as regiões e eram acompanhadas por músicas específicas, geralmente executadas por uma orquestra ao vivo. Com o passar do tempo, a popularidade das contradanças diminuiu, sendo substituídas por outros estilos de dança mais modernos, como a valsa e a polca.

As quadrilhas são um tipo específico de dança de salão que se originou na França no final do século XVIII (PERNA, 2001). Elas se espalharam rapidamente pela Europa e chegaram às Américas durante os séculos XIX e XX. As quadrilhas são dançadas por quatro casais organizados em um quadrado, cada casal ocupando um dos lados do quadrado. Uma quadrilha consiste em uma série de figuras e passos coreografados, comandados por um líder chamado "mestre de cerimônias". Cada figura da quadrilha é realizada em conjunto pelos quatro casais, com movimentos específicos e trocas de parceiros.

O século XIX marcou uma grande transformação na dança de salão. A influência de diferentes culturas e o surgimento de mestres de dança levaram ao desenvolvimento de vários estilos de dança (PERNA, 2001; RIED 2003) A valsa, uma dança marcante que rompeu com o minueto tradicional, ganhou popularidade no início do século XIX e introduziu o conceito de dança em posição fechada, assim como a ideia de movimento contínuo e fluido (PERNA, 2001).

A valsa é um estilo de dança de salão que teve origem no final do século XVIII na Áustria e na Alemanha. Ela foi uma evolução das danças camponesas e folclóricas europeias.

No início, a valsa era vista como uma dança ousada e escandalosa, pois envolvia um movimento de rotação e giros mais rápidos do que os movimentos das danças anteriores. Ela foi inicialmente rejeitada pela sociedade conservadora, mas gradualmente ganhou popularidade nas cortes e salões de baile (FREIRE, 2021).

A valsa se espalhou rapidamente pela Europa durante o século XIX, tornando-se a dança de salão mais popular da época. Ela chegou a outros países, incluindo a França, Inglaterra, Rússia e Estados Unidos, onde ganhou suas próprias variações e adaptações regionais.

A valsa também passou por transformações ao longo do tempo. No início, era uma dança mais lenta e elegante, conhecida como "valsa lenta". Porém, no século XIX, a valsa evoluiu para um ritmo mais rápido e enérgico, conhecido como "valsa vienense", especialmente nas composições de Johann Strauss II.

No final do século XIX, a valsa começou a perder popularidade em favor de outros estilos de dança, como a polca e a mazurca (PERNA, 2001). No entanto, ela nunca desapareceu completamente e continuou a ser apreciada e dançada em diversos contextos.

No século XX, a valsa encontrou um novo público e ganhou destaque nos filmes de Hollywood, especialmente nas produções musicais da era de ouro do cinema. Ela também se tornou uma dança tradicional em eventos como casamentos, bailes de formatura e festas de gala.

Hoje, a valsa é apreciada e dançada em todo o mundo. Ela mantém sua elegância, romantismo e fluidez, sendo uma das danças de salão mais emblemáticas e queridas pelos dançarinos e entusiastas da dança.

A polca é um estilo de dança de salão animado e enérgico que se originou na região da Boêmia, na Europa Central, por volta do século XIX. A dança rapidamente se espalhou pela Europa e se tornou popular em várias partes do mundo (PERNA, 2001). É caracterizada por movimentos enérgicos de salto e deslize, executados em um ritmo rápido e alegre. Os dançarinos geralmente se movem em pares, segurando-se pelos braços e girando pelo salão. A dança tem um ritmo binário, com dois tempos por compasso.

A polca foi extremamente popular durante o século XIX e início do século XX. Ela era dançada em festas, festivais folclóricos e bailes, tanto em áreas rurais quanto urbanas. A dança da polca era uma forma de entretenimento social, reunindo pessoas de diferentes idades e classes sociais para se divertirem juntas.

No final do século IX e início do século XX, a música Ragtime e a Era do Jazz tiveram um impacto significativo na dança de salão. Surgiram novos estilos de dança, como o foxtrot e o charleston. Essas danças eram mais enérgicas e sincopadas, refletindo a mudança da paisagem cultural e musical.

Em meados do século XX, as danças latino-americanas começaram a influenciar a dança de salão. Danças como rumba, cha-cha-cha, samba e paso doble incorporaram elementos dos estilos de dança afro-cubana, brasileira e espanhola. Essas danças trouxeram um sabor vivo e apaixonado para a cena da dança de salão.

Em 12 de outubro de 1922, o ítalo-americano Rodolfo Valentino abandona a carreira de dançarino para se tornar ator. Começa a era da dança no cinema norte-americano, que culminou com os filmes de Fred Astaire no auge dos musicais de Hollywood. Nas décadas de 1930 e 1940 surgiram os grandes salões de bailes nos Estados Unidos e Inglaterra. A dança de salão também tornou-se moda nos hotéis, nightclubs, restaurantes e em qualquer lugar onde existissem orquestras e fosse possível dançar. Esse foi o período áureo dos filmes norte-americanos, que exportaram essa cultura para o

mundo todo, basicamente com ritmos americanos como fox. Na década de 1950 estiveram na moda os ritmos latinos, como a rumba, o samba e o chá-chá-chá, presente em inúmeros filmes. (PERNA, 2001, p. 57,58)

Na década de 1950 começa um declínio na dança de salão, juntamente com surgimento do Rock and Roll, que ainda era uma dança a dois, porém dançada de forma separada (PERNA, 2001). Nas décadas seguintes, em 1960 e 1970, essa forma de dançar a dois, sem contato físico, ganhou força na indústria cinematográfica de Hollywood, e coreografias em grupo promoveram a sistematização de passos de forma a facilitar a comunicação entre o par (FREIRE, 2021). Nos anos de 1975 e 1987, filmes como Saturday Night Fever e Dirty Dancing resgatam a dança a dois novamente com contato entre os parceiros (FREIRE, 2021), trazendo de volta às pistas essa forma de dançar.

As discotecas, também conhecidas como boates e clubes noturnos, surgiram como espaços de entretenimento e dança na segunda metade do século XX. A sua origem está associada ao desenvolvimento da música eletrônica, às mudanças culturais e ao desejo das pessoas de sair para dançar e se divertir em um ambiente noturno.

Nas últimas décadas, a dança de salão continuou a evoluir. Novos estilos de dança como o tango argentino, a salsa e a bachata tornaram-se populares, incorporando diversas influências culturais. A ascensão de programas de televisão, nacionais e internacionais, também contribuíram para o aumento do interesse pela dança de salão em todo o mundo.

Hoje, a dança de salão abrange uma ampla gama de estilos de dança, sendo apreciada tanto como uma atividade social quanto como um esporte competitivo, com dançarinos exibindo suas habilidades em várias competições e eventos.

## 2.2. O BAILE CHEGA AO BRASIL

A dança de salão no Brasil possui uma história rica e diversificada, influenciada por diferentes culturas ao longo do tempo. Chega ao Brasil, ainda no século XV, trazida pelos colonizadores portugueses, e mais tarde, pelos imigrantes de outros países da Europa. Essas danças importadas, sofrem influências culturais,

e a partir de contribuições dos povos indígenas e africanos, modificam-se ao longo do tempo, e se transformam em novas danças (PERNA, 2001; GOMES, 2012).

Quando a corte portuguesa chega ao Brasil, em 1808, traz consigo muitos dos gostos e hábitos sociais europeus da época, dentre eles as danças e os bailes. Nesse período, danças tradicionais europeias, como o minueto, a valsa e a polca, eram praticadas nas cortes e salões das elites da época. (PERNA, 2001; GOMES, 2012). Membros da nobreza brasileira contratavam professores de dança, para se manterem atualizados. O gosto pelos bailes continua forte durante o período Republicano, e no Rio de Janeiro, tornam-se cada vez mais populares e frequentes. Na passagem do século XIX para o XX, as danças da moda eram a valsa, a polca, a contradança, a mazurca, o xote e a quadrilha. (PERNA, 2001; GOMES 2012).

A valsa é um dos estilos de dança de salão mais populares no Brasil. Sua origem remonta ao século XVIII na Europa, mas ela se espalhou pelo mundo e foi amplamente adotada e apreciada no Brasil. No contexto brasileiro, a valsa ganhou destaque especialmente no século XIX e início do século XX. Durante esse período, o país vivenciou uma forte influência cultural européia, particularmente da cultura francesa. Bailes e festas de elite eram realizados nas grandes cidades brasileiras, onde a valsa era dançada com elegância e refinamento. No entanto, a valsa também se popularizou entre a classe média e nas camadas mais populares da sociedade brasileira. Ela foi adaptada ao contexto local, incorporando elementos da cultura brasileira.

A valsa ainda é muito apreciada e praticada no Brasil, frequentemente dançada em casamentos, bailes de formatura, festas de debutantes e outros eventos sociais, no Brasil, há uma ampla variedade de músicas utilizadas, desde clássicos internacionais até composições brasileiras, como as valsas de Chiquinha Gonzaga.

Segundo Edmundo [1938], a partir de 1901 os bailes retomaram o glamour do tempo do império. As noites no Cassino Fluminense voltaram a ser feéricas. O Cassino ainda era o maior salão da cidade. Dançava-se polca, quadrilha, mazurca e schottisch. As danças eram reguladas pelas cadernetas (carnets) das danças, embora pudesse haver quebra dessa ordem. Dançava-se com lenço entre as mãos dos pares. Os cavalheiros convidavam as damas respeitosamente e, após a dança, as acompanhavam ao local em que elas estavam quando tiradas, agradecendo respeitosamente.

Nesse período manteve-se a predisposição colonial para a

valorização da cultura e dos costumes europeus, principalmente o francês. A sociedade continuava necessitando seguir as boas maneiras e a etiqueta européias, fazendo com que as moças de bem alta sociedade tivessem de se preparar para o convívio em sociedade e para o casamento. (PERNA, 2001, p. 35)

No início do século XX, surgiram os primeiros salões de dança no país, especialmente nas grandes cidades como Rio de Janeiro e São Paulo. Esses salões se tornaram pontos de encontro para pessoas de diferentes classes sociais (PERNA, 2001). Até a década de 1960, os bailes eram um dos eventos sociais mais importantes e populares, eram locais de diversão e socialização, onde se realizavam negócios e buscava-se relacionamentos amorosos.

Com os “Anos Dourados” e o surgimento do rock and roll, na década de 1950, inicia o declínio da dança de salão, ficando ela restrita aos bailes à rigor das formaturas, casamentos e outras comemorações ou festividades desse tipo. Esses bailes, por sua vez, vão gradativamente perdendo espaço até meados da década de 1980 (PERNA, 2001).

Com o surgimento da discoteca no final da década de 1960, a dança de salão ficou restrita às gafieiras tradicionais como a Elite e a Estudantina (que chegou a fechar por um período), no centro do Rio, e aos bailes de clubes sociais, principalmente da Zona Norte do Rio, que ocorriam sem regularidade semanal. Todas as academias fecharam, pois o meio da dança de salão não havia atingido um nível de organização que permitisse mantê-las em nichos mais restritos. Os dancings também fecharam, sendo que o último a resistir o "Brasil", fechou na segunda metade da década de 1970. (PERNA, 2001, p. 66)

No Rio de Janeiro, nas décadas de 1970 e 1980, a dança de salão tradicional desaparece completamente entre os jovens da classe média, que não frequentavam as gafieiras e os bailes de clubes sociais, onde a dança resistia. Em 1988, com a explosão da lambada, e seu sucesso internacional, o interesse na dança de salão pelo público jovem retorna. Fenômeno parecido - o gosto pela dança a dois - ocorreu em 1997, com o forró (PERNA, 2001).

Na década de 1980 nomes como Carlinhos de Jesus e Jaime Arôxa surgem na dança de salão profissionalmente e são considerados responsáveis pela difusão e valorização da dança de salão no Rio de Janeiro e no Brasil. Carlinhos de Jesus

se tornou uma figura pública de grande carisma e presença cenográfica, chamando a atenção da mídia e do público para a dança de salão, bem como Jaime Arôxa, que lança livros e vídeos didáticos, e se torna conhecido, aparecendo em aberturas de novelas na televisão brasileira, difundindo a dança de salão em todo o Brasil. (PERNA, 2001).

Os ritmos caribenhos, como a salsa e a bachata, começam a fazer sucesso no Brasil em meados da década de 1990 sendo incorporados ao repertório da dança de salão nacional.

Atualmente, a dança de salão no Brasil continua a evoluir e se adaptar às novas tendências e influências culturais. Ela é valorizada como uma forma de expressão artística, entretenimento e interação social, sendo praticada em bailes, festas, escolas de dança e eventos culturais em todo o país.

No contexto regional, ainda são poucos os estudos sobre o tema, o trabalho de Perna (2001), utilizado nessa revisão de literatura, aborda principalmente o contexto carioca e paulista. No entanto, para a finalidade deste estudo - entender a importância do baile e das relações que se estabelecem nesse contexto - podemos traçar um paralelo para a realidade local, entendendo que as particularidades regionais podem ser alvo de futuras pesquisas.

### 2.3. O BAILE COMO ESPAÇO DE SOCIABILIDADE

O baile tem sido historicamente um espaço importante de sociabilidade em muitas culturas ao redor do mundo. Desde os tempos antigos até os dias atuais, os bailes têm desempenhado um papel fundamental na interação social, na expressão cultural e no entretenimento. Eles oferecem uma oportunidade para as pessoas se reunirem, se divertirem e se conectarem umas com as outras, proporcionam um ambiente socialmente estruturado, onde as pessoas podem interagir, dançar, conversar e estabelecer novos relacionamentos.

Um dos seus aspectos fundamentais é a dança em si. A música e a dança são formas de expressão cultural e artística que permitem que as pessoas se comuniquem e se relacionem de maneira não verbal. Através da dança, as pessoas podem compartilhar emoções, criar conexões físicas e explorar sua criatividade.

Os bailes têm desempenhado papéis importantes em diferentes contextos culturais. Eles podem ser eventos formais, como bailes de gala, onde as pessoas se vestem elegantemente e seguem um código de etiqueta específico. Por outro lado, existem também os bailes informais, como festas, bailes de bairro ou eventos comunitários, que são mais descontraídos e acessíveis a um público mais amplo. São realizados em diferentes contextos e culturas, adaptando-se às preferências e interesses de cada época e de cada contexto específico.

Regras de etiqueta e comportamento são imprescindíveis no contexto do baile de dança - bem como em qualquer outro contexto de sociabilidade. As regras vão mudando e se adaptando aos diferentes contextos, contudo, estão sempre presentes. Uma das regras percebidas é o vestuário dos participantes, fundamental para a apresentação dos dançarinos. Alves (2004) no seu estudo, indica que o esmero no cuidado com a vestimenta, o cabelo, a maquiagem e o perfume faz parte da identificação do dançarino e é instrumento de disputa nos bailes.

A partir de um repertório fixo: calças compridas, camisas sociais e sapatos fechados para homens; salto alto e a recomendação do uso de saias ou vestidos para mulheres, as pessoas costumam variar em cores e cortes, desde que jamais usem tênis ou calça jeans. Obedecer ao código de vestimenta, marcando sua singularidade através dele, é uma forma de competição nos bailes (ALVES, 2004, p. 43)

Além da sociabilidade, outro conceito é de extrema importância para a compreensão dos significados atribuídos aos bailes pelos seus praticantes: o cavalheirismo. Uma categoria utilizada pelos dançarinos para se referirem à “essência do baile”, é o cavalheirismo que regula as relações entre homens e mulheres nos salões. (ALVES, 2014).

#### 2.4. CAVALHEIRISMO

O cavalheirismo desempenha um papel importante na dança de salão, sendo um conjunto de atitudes e comportamentos esperados dentro desse contexto. Se apresenta pela valorização de um modelo de comportamento considerado tradicional (ALVES, 2004).

O cavalheirismo expressa o controle do homem sobre a mulher, representando um tipo de relacionamento hierárquico que está presente também na vida cotidiana (ALVES, 2004). O homem (ou cavalheiro, condutor) que deve convidar a mulher (dama, conduzida) para a dança, acompanhando ela ao seu lugar no final da dança, assim como cabe também ao homem propor os passos que serão executados na dança através da condução - espinha dorsal da dança de salão. A mulher, por sua vez, deve saber ler esses movimentos e acompanhar o cavalheiro. A recusa de uma dança é vista como falta de educação por parte da mulher.

Todo espaço de sociabilidade é permeado por regras de conduta (Simmel, 1983). Essas regras funcionam como guias das relações individuais nesses espaços, permitindo às pessoas saberem o que se espera delas. E representam, de forma estilizada, um padrão de comportamento vigente na estrutura social mais abrangente, na própria vida cotidiana. No caso da dança de salão, o cavalheirismo é a regra principal de conduta. Através das regras, é possível estabelecer uma relação de simetria entre as pessoas envolvidas evitando-se distúrbios que possam comprometer a relação. (ALVES, 2004, p. 50)

Esse controle implica também responsabilidades: cabe ao homem fazer com que a mulher dance da melhor forma possível, e, uma vez que a mulher tem bom desempenho, o homem que a acompanha leva parte dos créditos, aparecendo como um dançarino que sabe conduzir a dama.

A Dama é, portanto, o contraponto do Cavaleiro. A boa dama é aquela que sabe ler os comandos do Cavaleiro e agir de acordo com eles.

Ser cavalheiro implica também ser educado e gentil com os outros dançarinos, principalmente durante a dança. Além disso, outras regras de conduta fazem parte do cavalheirismo, como por exemplo, se uma dama está acompanhada de outro homem na mesa, ao convidá-la para dançar, o cavalheiro deve pedir permissão ao seu acompanhante. (ALVES, 2004).

No discurso dos praticantes da dança de salão, os bailes são tomados como espaços de festa, de lazer, de encontro desinteressado entre as pessoas que amam a dança e que querem fazer amizades. No entanto, esse encontro, entre homens e mulheres, obedece a uma lógica - a do cavalheirismo.

Nesse contexto, a mulher depende do homem para ser escolhida e o homem a escolhe de acordo com as vantagens que a dama pode trazer.

## 2.5. DO “CHÁ-DE-CADEIRA” AO CAVALHEIRO DE ALUGUEL

O baile é visto, pelos seus praticantes, como um espaço de festa e lazer, de encontro desinteressado entre as pessoas que amam a dança e querem fazer amizades. É um espaço de sociabilidade e, como tal, é regido por regras de comportamento, regras que se apresentam nas formas de vestir, na polidez, na cortesia e na hierarquia no salão, sendo o cavalheirismo sua mais alta expressão.

O cavalheirismo expressa o controle do homem sobre a mulher, representando um tipo de relacionamento hierárquico que está presente também na vida cotidiana (ALVES, 2004). O homem (ou cavalheiro, condutor) que deve convidar a mulher (dama, conduzida) para a dança, acompanhando ela ao seu lugar no final da dança, assim como cabe também ao homem propor os passos que serão executados na dança através da condução - espinha dorsal da dança de salão. A mulher, por sua vez, deve saber ler esses movimentos e acompanhar o cavalheiro. A mulher depende do homem para ser escolhida e o homem a escolhe de acordo com as vantagens que ela pode trazer.

Segundo depoimentos de dançarinos, os cavalheiros só costumam convidar para dançar a Dama que já provou suas capacidades no salão ou uma mulher pela qual haja interesse sexual. Seria a fase da paquera o convite para uma dança. Para provar sua capacidade, a dama depende necessariamente de um par masculino para exibir-se no salão. Se ela é desconhecida no baile e está só, sua única chance de ser chamada para dançar é ser fisicamente atraente aos olhos masculinos, o que significa neste universo da dança de salão ser/aparentar juventude.” (Alves, 2004, p.54)

Alves (2004) em seu estudo apresenta uma mudança nessa lógica protagonizada pelas mulheres da zona sul carioca. Cansadas do “chá-de-cadeira<sup>2</sup>” e com autonomia e maior liberdade que as mudanças sociais trouxeram para elas, essas mulheres começam a contratar seus parceiros de dança e se fazem presentes na pista, não mais dependendo de serem escolhidas pelos cavalheiros. Desse protagonismo, surge inclusive um outro tipo de baile, o baile-ficha, no qual as damas

---

<sup>2</sup> chá-de-cadeira é uma expressão muito utilizada na dança de salão. Significa ficar muito tempo sentada sem dançar.

compram fichas, que são trocadas por danças ao longo do baile. As mulheres escolhem as danças que querem dançar e com quais cavalheiros querem “gastar suas fichas”, invertendo a lógica da escolha do par para dançar na pista.

Se pensarmos nos bailes-ficha e nos contratos temos um elemento interessante para avaliar: as mulheres passam a ter a primazia da ação, já que são elas que pagam para a dança ocorrer, portanto sem o dinheiro delas não tem dança, não tem baile-ficha nem contrato. Por outro lado, no momento do baile, as mulheres querem que os homens pagos ajam como "cavalheiros", como se não houvesse nenhum interesse externo a dança entre eles. (..) Os bailes-ficha e o contrato impõem a presença das mulheres mais velhas nos salões de baile, como "damas". Essas mulheres preteridas na dança de salão estão se colocando como protagonistas da ação. É a partir delas que uma outra percepção sobre as mulheres está emergindo. As mulheres mais velhas estão exercendo o poder de burlar a hierarquia e permanecer no salão. Elas escolhem seus pares, os bailes que querem ir, as músicas que querem dançar. Através de suas ações estão criando ou recriando outro sistema de baile, o baile-ficha e outro tipo de homem: o cavaleiro de aluguel. (Alves, 2004, p.57)

Embora essas mulheres sejam protagonistas nas escolhas do par e das danças, Alves (2004) mostra nessa pesquisa, que a lógica do cavalheirismo deve permanecer presente nas interações entre essas mulheres e os cavalheiros com quem elas dançam sob pena de desmanchar toda a fantasia e destruir o que é essencial para todos, homens e mulheres no baile, o sentido lúdico e o cavalheirismo. É com esse delicado equilíbrio, entre manter a ilusão do baile e garantir um espaço para si que as mulheres mais velhas e os homens que dançam com elas devem lidar.

### 3. METODOLOGIA

A presente investigação assume um caráter exploratório, conforme definido por Santos (2010), visando aprofundar o conhecimento em um tema pouco explorado ou pouco conhecido. A abordagem dependerá tanto da intuição do pesquisador quanto de uma revisão bibliográfica. Mesmo diante da escassez de referências sobre o assunto, será feito uso de fontes relacionadas para embasar a pesquisa.

Os procedimentos metodológicos adotados para conduzir este estudo envolveram a consulta e análise de fontes impressas por meio da análise documental, conforme preconizado por Bardin (2000) e Triviños (1987). Além disso, a pesquisa incluiu a análise de fontes orais, seguindo as diretrizes propostas por Alberti (1989, 2005) e Ferreira (1996).

A análise documental refere-se a uma série de operações destinadas a representar o conteúdo de um documento de maneira diferente da original, facilitando assim sua consulta e referência em estudos futuros. No tratamento da informação contida nos documentos, a análise documental tem como objetivo representar de maneira alternativa essa informação.

A história oral, por sua vez, proporciona a recuperação da memória, permitindo resgatar experiências individuais e coletivas. Embora a memória seja mantida por um indivíduo com base em suas experiências e vivências, ela é moldada pelo grupo social em que conviveu e se socializou. Portanto, esse caráter social é um elemento essencial na formação da identidade, na percepção de si mesmo e dos outros.

A História Oral é um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica, etc.) que destaca a realização de entrevistas com pessoas que participaram ou testemunharam eventos, conjunturas e visões de mundo. Esse método produz fontes de consulta, como entrevistas, para outros estudos, podendo ser reunidas em um acervo acessível a pesquisadores. Envolve o estudo de eventos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, etc., à luz dos depoimentos de pessoas que estiveram envolvidas ou foram testemunhas desses acontecimentos (ALBERTI, 1989, p. 1-2).

A coleta de dados foi realizada na cidade de Porto Alegre durante a pesquisa de campo, consistindo em 8 entrevistas semi-estruturadas com contratados e

contratantes. A análise dos dados coletados foi conduzida de maneira qualitativa, seguindo a abordagem de Dantas (2014), onde a teoria é fundamentada nos dados, e o pesquisador desempenha um papel central na coleta e análise, apresentando uma presença pessoal e intensiva ao longo do processo.

### 3.1 PROCEDIMENTOS

A coleta de dados documentais foi realizada em fontes impressas, livros e artigos relacionados ao tema de pesquisa. No segundo momento foram selecionados participantes envolvidos com dança de salão e que já tivessem realizado contratos de dança em Porto Alegre. Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com esses participantes, essas entrevistas foram transcritas e compõem os anexos deste trabalho, disponibilizadas de forma integral, pois seu conteúdo não se limita ao tema abordado neste trabalho, podendo gerar desdobramentos para outras pesquisas correlatas. Em seguida, foi realizado o estudo da transcrição das entrevistas e análise dos dados coletados. As transcrições encontram-se na íntegra nos anexos deste trabalho pois possuem uma riqueza de informações que podem ser utilizadas para futuros trabalhos relacionados ao tema.

### 3.2 PROBLEMA DE PESQUISA

Como se dá a prática dos contratos de dançarinos (cavalheiros) como acompanhantes para prática de dança nos bailes em Porto Alegre?

### 3.3 OBJETIVO GERAL

O objetivo geral do presente estudo é Identificar, analisar, registrar como surgiu e se difundiu a prática do contrato nos bailes de dança de salão em Porto Alegre, por meio de uma abordagem histórico-cultural, reconstruindo e visibilizando esta história.

### 3.4 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Os objetivos específicos deste estudo são os seguintes:

- a) Descrever o contexto histórico e social que se deu o surgimento dessa prática;
- b) Entrevistar contratantes e contratados para traçar um panorama do surgimento e desenvolvimento dessa prática em Porto Alegre;
- c) Compreender as mudanças sociais que levaram ao surgimento do contrato, seu desenvolvimento e possíveis desdobramentos dessa prática para a dança de salão e os bailes de dança.

## 4. APRESENTAÇÃO, INTERPRETAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

### 4.1 O CAVALHEIRO DE ALUGUEL

Começo essa análise justificando minha escolha pelo termo “Cavalheiro de Aluguel”, o termo mais conhecido e utilizado no meio da dança *personal dancer* não reflete de forma tão assertiva a prática do contrato. Como será possível perceber pela análise das entrevistas, a prática do contrato está vinculada à ideia do cavalheirismo e do cavalheiro no baile. O termo *personal dancer* pode ser uma escolha mais adequada do ponto de vista ideal - pensando em um contrato para prática de dança, não necessariamente vinculado a gênero - mas na realidade existe um perfil de contratado e um perfil de contratante bastante definido e é isso que analisaremos na sequência do trabalho.

Foram entrevistados 4 contratados, embora a amostra seja pequena, já podemos fazer algumas considerações a respeito do perfil do contratado. A partir das entrevistas foi possível traçar um perfil do cavalheiro de aluguel: todos são solteiros<sup>3</sup>, a maioria não tem filhos, a maioria dá aula de dança e todos também possuem outra atuação profissional.

Na análise das entrevistas, a seguinte tabela foi desenvolvida para visualização do perfil dos contratados:

Tabela 01- Perfil dos entrevistados - contratados

	<b>Idade</b>	<b>Estado Civil</b>	<b>Filhos</b>	<b>Tempo de Dança</b>	<b>dá aula de dança?</b>	<b>atuação profissional (além de personal dancer)</b>
<b>E01</b>	36 anos	solteiro	Não	17 anos	Sim	Prof. Universitário
<b>E02</b>	55 anos	solteiro	Não	20 anos	Não	Prof. Ed. Física
<b>E03</b>	43 anos	solteiro	2	30 anos	Sim	Produtor cultural
<b>E04</b>	35 anos	solteiro	Não	8 anos	Sim	Carteiro

Fonte: A autora

<sup>3</sup> Na entrevista E01, RTP comenta que começou a trabalhar como personal dancer quando seu professor o indicou para atividade, pois estava se casando e não ia mais realizar esse trabalho.

Todos os entrevistados entendem que essa prática surgiu devido à discrepância na quantidade de mulheres e homens nos bailes. Homens (cavalheiros no baile de dança de salão) são os condutores e quem possui o dever/poder de convidar a mulher (dama na dança de salão) que então deve seguir os passos propostos<sup>4</sup>. Todos os entrevistados relatam que o “chá-de-cadeira”, ou seja o tempo sentadas no baile, sem convite para dançar, foi o que motivou o contrato. De acordo com E03:

“(...) porque aqui em Porto Alegre não tinha muitas pessoas, homens, que dançavam. A maioria dos homens não queriam fazer aula. As mulheres queriam dançar, mas não tinham par. As mulheres que iam em festa, em baile, queriam dançar. Só que chegavam lá, ficavam horas sem dançar, ficavam meio frustradas. Aí começaram a contratar pessoas, homens, para poder dançar nos bailes, Gondoleiros<sup>5</sup>, bailes assim.”

O relato do entrevistado apresenta a motivação por trás do contrato, a vontade de dançar e a falta de par foi o que levou as mulheres a contratar, indo ao encontro do estudo de Alves (2001), que apresenta a mesma motivação para essa prática no Rio de Janeiro.

A inserção dos entrevistados nessa atividade se deu por indicação, geralmente de algum amigo que já estivesse na atividade, ou foram contatados pelas próprias mulheres que os contrataram. Um dos entrevistados (E02) enxergou esse nicho quando foi convidado por suas alunas a acompanhá-las em um baile, percebeu que muitas mulheres ficavam sem dançar:

“E eu, como sou professor de educação física, trabalho com a terceira idade... E elas me relataram que iam no baile e não tinham com quem dançar. Elas iam só para tomar um chazinho e ficavam na cadeirinha tomando uma cervejinha e ninguém tirava elas para dançar. Daí uma vez me contrataram (...). Eu fui, dancei e vi que não era só elas, tinha muito mais gente lá, muito mais gente assim. E os caras que dançavam já iam nas mais conhecidas. Que nem qualquer baile assim, sabe? Já vão nas que conhecem. Então aí eu comecei, daí eu fiz um cartão, e comecei a distribuir no bailinhos para elas.”

---

<sup>4</sup> A dança de salão e os bailes estão em constante atualização, é importante registrar que diversos espaços, escolas e bailes, já não utilizam mais esses termos e optam por deixar as funções - pessoa que conduz, pessoa que é conduzida - desvinculados do gênero. No entanto, as expressões dama e cavalheiro, suas funções e expectativas vinculadas, ainda são muito presentes em diversos ambientes, principalmente os frequentados pelos entrevistados.

<sup>5</sup> Clube Social em Porto Alegre, promove bailes e outros eventos sociais.

Nesse relato, o entrevistado ilustra bem a situação das mulheres - principalmente as mais velhas - nos bailes de dança e descreve como ele encontrou esse nicho de trabalho acompanhando suas alunas da terceira idade. Outros entrevistados vão relatar que foram inseridos nesse meio por indicação de outros praticantes mais antigos.

Os contratados encontraram nessa prática uma forma de complemento de renda, com uma atividade que eles gostam de fazer, no entanto essa não é uma fonte de renda significativa, é um “extra”, pois sabem que é volátil e sem garantia, pois dependem da vontade da mulher de sair para dançar. As mulheres também gostam de trocar os cavalheiros, para variar as danças e a condução.

Tanto contratados quanto contratantes relatam desenvolver um clima de amizade a partir dessa prática e mais que saber dançar, é necessário que seja agradável a companhia mútua.

#### 4.2 A DAMA QUE CONTRATA

As mulheres entrevistadas estavam de acordo com o perfil indicado pelos contratados nas entrevistas. Todas acima dos 60 anos, todas frequentavam aulas regulares de dança, a maioria já está aposentada, a maioria é solteira ou viúva.

A seguinte tabela foi desenvolvida durante a análise dos dados para visualização do perfil das contratantes:

Tabela 02- Perfil dos entrevistados - contratantes

	<b>Idade</b>	<b>Estado Civil</b>	<b>Filhos</b>	<b>Há quanto dança?</b>	<b>faz aula regular de dança?</b>	<b>atuação profissional</b>
<b>E05</b>	76 anos	viúva	2	2 anos	Sim	Aposentada
<b>E06</b>	65 anos	solteira	Não	8 anos	Sim	Tec. de enfermagem
<b>E07</b>	67 anos	solteira	1	3 anos	Sim	Aposentada
<b>E08</b>	64 anos	casada	1	5 anos	Sim	Aposentada, mas trabalha com costura

Fonte: A autora

As mulheres informaram que sempre gostaram e se interessaram por dança, algumas frequentavam bailes na juventude, e sentem que demoraram para começar a atividade, ou por estarem casadas, por acharem que não sabiam dançar, ou porque não tinham par para acompanhá-las. Procuraram a dança como forma de lazer e atividade física e acabaram encontrando no contrato uma forma de dançar, se sentindo seguras, com uma companhia agradável para acompanhá-las no baile. E05 conta:

“Eu frequentei baile na minha adolescência. Aí eu casei e o marido não gostava muito de dançar, não fui mais a baile. E aí eu fiquei viúva, “que feio, uma viúva ir no baile” e tudo mais. Sabe aquelas coisas de antigamente? Então não fui mais.... Morri pro mundo...Estou ressurgindo agora.”

O relato dessa entrevistada não é único, muitas mulheres entrevistadas para a pesquisa de Alves (2001) contam experiências bastante semelhantes. A independência atingida por essas mulheres (emocional e financeira) faz com que tomem para si o direcionamento de suas vidas e de seus desejos, e o desejo de dançar, de voltar para a época dos bailes, de retorno àquele tempo passado, é conquistado por meio do contrato. Além disso, elas sentem que aproveitam muito mais o tempo agora, já um pouco mais livres de muitas travas e preconceitos que as limitavam.

Ela complementa explicando os conflitos que sentiu no início:

“Imagina uma mulher de 76 anos que na época da juventude, só podia ir nos bailes acompanhada dos pais e hoje essa mulher paga um homem para dançar com ela. No início eu achei horrível. Horrível. Meu Deus do céu, o que é isso? Que decadência. Hoje eu vejo com outros olhos, que coisa boa que eu pago, além de pagar, eu estou ajudando alguém e estou fazendo uma coisa muito boa, não só para o corpo, como para a mente. Acho sensacional. E pretendo continuar assim, enquanto tiver saúde, eu vou continuar contratando (...) Foi a melhor coisa que eu fiz na minha vida. Uma das melhores coisas que eu fiz na minha vida foi isso. Que hoje, além de ser meu professor e me acompanhar nos bailes, é o meu amigo. Só tive lucros nessa história toda. E com essa história de pagar os rapazes, de contratar, tu vai fazendo muita amizade. Muita amizade. E é muito bom. Aconselho para todo mundo.”

O dilema do contrato também é apresentado por Alves (2001) no seu trabalho, pois o contrato rompe com uma ideia muito cara para a dança de salão, que o baile é um encontro desinteressado entre pessoas que gostam de dançar e o contrato não deixa espaço para essa fantasia. Ele cria uma outra relação de poder, se antes o cavalheirismo definia quem dançava no baile, no contrato existe uma

relação financeira e econômica vigente. A mudança na relação de poder causa estranhamento entre os participantes do baile.

Elas entendem que o surgimento dessa prática se deu pela demanda, a queixa comum é do desequilíbrio entre a quantidade de mulheres e homens no baile, e a constatação geral é que se não contratam, tomam o famoso “chá-de-cadeira<sup>6</sup>”. Elas querem praticar o que aprendem nas aulas, querem dançar e o contrato viabiliza isso. Segundo E07

“E aí achei interessante, porque quando tu vai nos bailes, normalmente tu não conhece ninguém, tu fica a maior parte do tempo parada, não dança.”

E06 compartilha do mesmo sentimento:

“Eu acho, assim, muito bom, sabe? Porque eu acho melhor a gente ter alguém pra dançar do que ficar lá que nem, tipo, besta, né?”

E complementa falando sobre o sentimento desagradável de passar o baile sem dançar

“Não, eu nunca fui muito em muitos bailes, sabe? Até por causa disso, né? Porque a gente, quando é sozinha, quando tu não tem muito conhecimento, tu vai ficar de bobeira, né? E constrange a gente, né? Vamos combinar que tu vai no baile e não dançar nenhuma...tu volta detonada, né? É ou não é? É horrível.”

Aqui podemos perceber que a ideia de baile como um espaço desinteressado para prática da dança, de socialização entre os participantes, não alcançava essas mulheres e por isso sentiram a necessidade do contrato. A frustração de ir no baile e não dançar é um relato bastante comum entre as entrevistadas e o contrato é a forma que encontram de se sentirem parte do baile, se sentirem seguras e confortáveis nesse ambiente, também é a forma de serem vistas na pista, o que possibilita que sejam convidadas para dançar por outros cavalheiros.

Elas contam que ficaram sabendo da prática por amigas que utilizavam esse serviço ou pelos próprios professores. Além dos contratos diretos, individuais, é possível também formar um grupo para contratar um professor, dividindo as danças durante o período contratado. As preferências variam, algumas gostam de contratar individual, pois querem ter a possibilidade de dançarem a música que quiserem, sem

---

<sup>6</sup> Expressão que significa ficar sentada sem dançar, no contexto da dança de salão.

se preocupar em dividir, já as que preferem dividir, o principal argumento a favor é que se torna muito cansativo dançar sempre com a mesma pessoa, que gostariam de diversificar mais, o ideal para E06 seria

“Sabe, eu tinha uma ideia assim, na minha mente, de que a gente tivesse um grupo com várias pessoas contratadas, e vamos supor, eu e tu, a gente contrataria cinco rapazes para dançar com 15 mulheres na noite sabe. Eu acho legal sabe, ter mais diversidade, ir trocando os pares.”

Percebe-se que as mulheres compartilham do ideal de baile, onde existe a troca dos pares e a maior diversidade na dança, mas elas entendem que para atingir esse objetivo é necessário contratar mais cavalheiros.

A escolha dos cavalheiros se dá por indicação. Na sua maioria, são pessoas conhecidas, professores ou monitores nas escolas que elas frequentam, ou indicados por essas pessoas. E05 explica essa dinâmica:

“Eu comecei a ir nos bailes com ele, meu professor e ele começou a me apresentar a outros dançarinos. Eu só vou ao baile acompanhada e se for indicada pelo Jairo, ou pelo Sid, ou seja, o Jairo indicou o Sid, o Sid pode indicar mais alguém, sei que são pessoas de confiança. E de lá pra cá, eu danço praticamente todos os dias. É aula ou baile.”

Percebe-se que se forma uma rede de contatos e indicações e as mulheres também começam a se sentir parte disso. Uma nova forma de se relacionar nos bailes surge, protagonizada por essas mulheres.

#### 4.3 CAVALHEIRISMO POR CONTRATO - COMO FUNCIONA

Em nosso estudo, os bailes onde ocorrem os contratos são geralmente bailes de terceira idade, jantares-bailes em Clubes, bailes de tango e bolero. Normalmente as contratantes são mulheres, acima de 60 anos, geralmente aposentadas, de classe média ou classe média alta, que frequentam esses bailes.

É necessário que o cavalheiro se vista bem, esteja bem arrumado, perfumado, deve ser uma companhia agradável para as mulheres que o contratam, é indicado, por alguns dos entrevistados, que não se consuma bebidas alcoólicas durante o trabalho, para manter a postura profissional. Alves (2001) descreve em

seu trabalho como a vestimenta é parte fundamental da etiqueta da dança de salão e dos bailes e os entrevistados são unânimes nesse quesito.

Os contratos são combinados entre as partes, geralmente tem uma duração entre 1h a 4h, nas quais o contratado deve estar disponível para dançar com a contratante. Algumas “emprestam” o contratado para as amigas no baile e existe também a possibilidade do contrato ser realizado por um grupo de amigas, que se revezam nas danças durante o período contratado. Depois do horário estipulado, ele pode continuar no baile dançando com quem quiser ou pode ir embora.

A remuneração varia, podendo ser combinado um valor por hora, ou por baile. Foram mencionados valores de R\$100 até R\$350 por baile e valores de R\$100 até R\$150 por hora. O ingresso do baile e qualquer consumação do contratado é de responsabilidade da contratante também.

Além do contrato direto pela mulher, existe também organizadores de eventos que contratam cavalheiros para disponibilizar nos bailes, os contratados devem ficar atentos a quem não está dançando e devem convidar essas mulheres para dançar. Existe, inclusive uma certa diferença de status, entre os cavalheiros contratados pelo evento, ou diretamente com a mulher. Segundo E01:

“A experiência de trabalhar no Cruzeiro também... No primeiro ano, eu fui contratado no Dançando a Bordo<sup>7</sup>. E aí eu pude ver como que isso acontecia. Depois, nos outros anos, eu fui já com uma equipe do Costa Cruzeiros. E foi muito legal, que eu pude ter essa ideia da importância do personal no Cruzeiro. Tinha duas modalidades. Eu era personal do navio, mas tinha uma outra categoria de meninos, que eram os mais renomados, eram professores mais conhecidos, que tinham um outro status, que eram os contratados particulares. Então, eles iam pra lá, já tinham pessoas que pagavam a passagem deles, pagavam a estadia deles pra eles acompanharem exclusivamente aquela mulher. Então, a gente tinha dois status de personal dancers dentro daqueles espaços. E era engraçado porque tinha até uma questão de vaidade das próprias mulheres: “Ah, eu trouxe o meu professor, que ele o melhor do estilo tal, em determinada cidade, determinado estado”. Então, havia uma disputa entre elas. Então, tem uma relação financeira muito forte ali também. O poder aquisitivo influenciava muito na questão dos contratos também”.

Nesse relato o entrevistado traz uma questão bastante interessante, mostrando como nos cruzeiros (onde o contrato de cavalheiros de aluguel já é uma prática bastante comum) o contrato já começa a ser visto como um meio de exibição, de demonstração de poder, tanto de poder aquisitivo quanto da prática da

---

<sup>7</sup> Cruzeiro temático de dança de salão

dança. Não foi essa a percepção que tive com as entrevistadas. Aqui, o que percebi, foi a necessidade de um par para dançar, que fosse uma companhia agradável e que fizesse a mulher se sentir bem consigo mesma e com a sua dança, sem necessidade de exibição ou ostentação desse contrato.

Mulheres também podem ser contratadas como personal dancer, os entrevistados relatam conhecer algumas que já atuaram assim, embora em um número infinitamente menor, sendo contratadas por homens mais velhos, com alguma dificuldade ou limitação na dança, principalmente. Embora mulheres conduzam também na dança, elas não costumam ser contratadas pelas mulheres, um dos entrevistados relatou casos de mulheres contratadas por mulheres apenas quando as contratantes eram casadas, quando o marido não queria que ela contratasse um rapaz. E01 explica

“Homens e mulheres. Homens geralmente mais velhos, né? e mulheres independente da idade, porque às vezes tem muitas mulheres casadas que fazem aula e o marido não quer que ela contrate um homem, então prefere contratar uma mulher pra acompanhar a esposa, pra acompanhar ela, então era nesse sentido que ela tinha os contratos de mulheres casadas e homens idosos.”

Importante destacar, que mais que a prática da dança, o contrato acontece para que essas mulheres se mantenham no salão e mantenham a performance do par, do casal, da dama e do cavalheiro na dança de salão. Pela tradição, são os cavalheiros que convidam a dama para dançar, e fazem isso de acordo com os seus interesses pessoais, essas mulheres se sentiam excluídas dessa dinâmica, e encontraram no contrato uma forma de se manterem nela. A maioria das mulheres relatou já ter dançado com outras mulheres, que o número de mulheres conduzindo nos bailes é cada vez maior, mas não cogitam a ideia de contratar mulheres, assim como estranham a ideia de um homem contratar - já que bastaria que ele convidasse quem ele quisesse.

O contrato então foi uma forma que essas mulheres encontraram de se sentirem seguras e confortáveis nos bailes. As mudanças sociais vividas por essas mulheres permitiram que elas alcançassem a independência financeira e emocional para realizar o contrato. Como todo ambiente de socialização, as regras e comportamentos vão se atualizando e se transformando ao longo do tempo e essas mudanças percebidas que serão apresentadas a seguir.

#### 4.4 SEGUE O BAILE - MUDANÇAS PERCEBIDAS E POSSIBILIDADES FUTURAS

Comecei na dança de salão em 2011, quando os termos dama e cavalheiro eram comuns e utilizados principalmente vinculados à função de cada um na dança - conduzida e condutor - e é claro ao gênero. Já naquela época era comum que as “damas”, professoras e monitoras na escola, soubessem conduzir, principalmente para fins didáticos e pela necessidade de um número maior de condutores, já que a maior parte dos alunos era composta de um público feminino que queria ser conduzido. Os “cavalheiros”, professores e monitores, também aprendiam a ser conduzidos, principalmente para fins didáticos, saber como ensinar, mas essa habilidade era pouco requisitada nos bailes.

As mudanças no contexto da dança de salão são perceptíveis mesmo nas escolas mais “tradicionais”, os papéis de condutor(a) e conduzido(a) já não estão mais vinculados ao gênero e sim ao papel que cada um desenvolve na dança.

Pares formados por pessoas do mesmo gênero são bastante comuns e não estão relacionados a falta de par e sim a uma escolha pessoal. Em diversos ambientes, a nomenclatura “dama” e “cavalheiro” está em desuso, buscando-se outras como “pessoa condutora”, ou “corpo condutor” e “pessoa conduzida” ou “corpo conduzido” nessa tentativa de desvinculação.

No entanto, essas mudanças são graduais e quando falamos do perfil das mulheres que contratam é importante entender o contexto em que isso acontece. Os bailes que elas frequentam (jantares dançantes em clubes, bailes da terceira idade, alguns bailes de dança de salão e milongas) ainda seguem o modelo mais “tradicional” no qual o “cavalheiro” ou condutor, ainda tem a primazia no convite para dança. Os entrevistados são unânimes na percepção que é cada vez maior o número de mulheres conduzindo e que as mulheres também estão cada vez mais confiantes para tomar a iniciativa no convite para a dança. E06 comenta que

“Eu vejo que hoje em dia a gente tira os caras para dançar, eu tiro. Os amigos, né? Colegas meus, amigos meus, conhecidos. Eu convido para dançar. Se eu vou lá na Tanguera<sup>8</sup>, tem, como eu disse, o Alemão. Tem mais uns caras lá que eu conheço, que foram monitores. Até mesmo o

---

<sup>8</sup> Escola de tango e dança de salão em Porto Alegre

CTG<sup>9</sup>. O CTG, nossa, tem um monte de coisa. Mas, hoje em dia, eu convido os caras para dançar. Eu vejo essa diferença, assim, dos tempos, né? Pra cá, uns 5, 6 anos, que elas convidam os caras pra dançar. E eles vão, né?”

## E07 complementa

“Eu ainda tenho um pouco dessa coisa de ter o receio de convidar alguém pra dançar, mas até já fiz isso e não foi uma coisa difícil, assim. Eu vejo que muitas mulheres convidam os homens para dançar. Uma vez que foi no baile, na Kirinus<sup>10</sup>, eu estava com uma amiga que convidava todo mundo para dançar e eu entrei nessa, fui convidar alguém e fluiu, sabe? Foi legal. Eu acho que mudou bastante de uma época pra outra, porque antigamente nem se cogitava a fazer isso, né? Eu acho que hoje tá bem mais fácil”

Aqui podemos perceber que as entrevistadas percebem as mudanças nos comportamentos e a maior liberdade que as mulheres têm hoje em dia de decidir na dança, convidando para dançar, seja conduzindo a dança ou escolhendo por quem querem ser conduzidas. No entanto, elas ainda não se sentem seguras para assumir esse papel na hora do baile e encontram ainda no contrato uma forma de se manterem ativas e atuantes nos bailes.

## E05 compara os bailes que frequentava na juventude com os bailes de agora:

“Assim ó, o que eu percebo... na minha época era tudo muito formal. Na época, pra olhar pra um rapaz, era tudo muito sutilmente, a gente louca pra dançar com aquele cara, sabe? Fingia que nem tava vendo. Hoje, não. Hoje a mulher tem outra cabeça. Eu tô falando do lado feminino, tá? As mulheres hoje têm outra cabeça, outro comportamento. Elas vão para o baile para dançar e para se divertir. (...) A gente hoje tá muito mais livre, a gente, hoje, tá muito mais determinada, a gente hoje tá muito mais valente. A gente tá encarando... a gente tá encarando o seguinte, assim, ó. Vamos viver a vida que tá passando. E é isso que a gente tá fazendo. Não só pra mim, porque eu vejo que, assim, vai muita mulher na minha idade. Um pouco menos, eu talvez seja a mais velha dos bailes, né? Mas todas, assim, com muita alegria de viver, muita alegria de dançar, de participar. Porque antigamente não se fazia mais. Antigamente, no meu tempo, a gente ia pra baile pra arrumar marido. Hoje é diferente”.

Embora Seja perceptível para os entrevistados a maior iniciativa das mulheres para convidar para dançar, as mulheres entrevistadas ainda sentem um pouco de dificuldade nessa ação, e só arriscam o convite com conhecidos, apenas

---

<sup>9</sup> Centro de Tradições Gaúchas (CTG) é uma sociedade civil sem fins lucrativos, que buscam divulgar as tradições e o folclore da cultura gaúcha tal como foi codificada e registrada por folcloristas reconhecidos pelo movimento.

<sup>10</sup> Kirinus e Nunes, escola de dança de salão em Porto Alegre

peças com quem elas já dançaram ou conhecem das aulas e outros bailes, então o contrato continua sendo a opção mais viável para dançarem mais nos bailes.

O contrato transforma a maneira de interagir no baile, já que as mulheres estão acompanhadas de um par que elas escolheram (e pagaram) e com o qual elas pretendem dançar durante o período contratado, mudando assim a dinâmica do baile. As interações acabam ficando mais restritas dessa forma. E01 explica essa mudança

“(...) num baile de dança de salão, às vezes, as pessoas vão e elas levam já o seu profissional contratado, e isso faz com que mude um pouco a rotina do baile. porque as pessoas vão querer dançar com aquele profissional que está pago e não vai ter a socialização, que uma das bases da cultura da dança de salão, que a troca, compartilhar, conhecer outras pessoas, dançar com várias pessoas. Então acaba que as pessoas ficam focadas naquele bailarino que contratou. O foco fica muitas vezes na técnica, você escolhe algum pela técnica e não tem a socialização, que é a base da cultura. Então é problemático nesse sentido. Pensando que tem alunos que frequentam esses bailes, muitas vezes, agora os homens iniciantes na dança, não tem vez de dançar, porque entre eles e os profissionais contratados, (as mulheres) vão optar por dançar com as pessoas contratadas e aqueles alunos iniciantes não vão ter com quem dançar, a menos que também contratem alguém para dançar com eles.”

Esse relato ilustra bem essa mudança nas relações decorrentes do contrato e as preocupações, legítimas, que surgem com essa mudança. Pois se a dança fica vinculada ao contrato, quem não contrata não participa mais dela.

Alguns relatos, principalmente de entrevistados que já tiveram experiências fora de Porto Alegre, em cidades maiores, como São Paulo e Buenos Aires, mostram o desenvolvimento dessa lógica do contrato, E01, conta a experiência em São Paulo

“(...) e era só isso. Era uma senhora, chegava já de braço com o seu personal. E era isso. Cada um na sua mesa, ninguém interagia com ninguém. Aquelas pessoas dançavam como se fossem um casal. E até mesmo os casais dançam com outras pessoas, né? E era muito assim, tinha essa relação de posse, de certa forma, sabe? E eu achei triste, assim, porque eu lembro que eu cheguei, eu não era personal nesse espaço, eu tenho um amigo que eu tava visitando lá, que é personal, ele trabalha, ele nem dá mais aula, ele só trabalha como personal, de segunda a segunda... não, na verdade tem um dia que ele tira de folga só. E eu cheguei com ele no espaço, só pelo fato de eu ser jovem, eu já fui lido como personal, por estar naquele espaço. Então eu convidava as pessoas pra dançar, elas queriam saber o valor e eu falei: “não, estou aqui, só quero dançar, estou te convidando pra dançar”. Isso foi visto com estranhamento por elas: “Ah, uma pessoa querendo dançar, me tirando pra dançar?” porque já não estão mais acostumadas com isso.”

## E04 comenta sobre as milongas de Buenos Aires

“Eu vou puxar assim, essa milonga que eu fui lá em Buenos Aires, a milonga Marabu, que é uma milonga bem tradicional, talvez a mais tradicional lá de Buenos Aires, onde várias orquestras de tango se estrearam lá, porque é muito antiga, né? E o que eu percebi foi que era uma milonga onde todo mundo se conectava, pessoas diferentes se conectavam, né? Aquele tipo de milonga era uma coisa muito... Aquele grupinho, aquele grupinho, sabe? Como se não tivessem... as pessoas não tivessem... querendo se comunicar com os outros ao lado. Porque era assim, um cara tava ali, E ao redor da mesa dele tinha três estrangeiras. Essas três estrangeiras, acima de 60 anos, americanas principalmente, pagavam em dólar pra ele e ele ia revezando, sabe? (...) Só dançava com ele. Só tinha uma intenção de dançar com ele. Tanto que não prestava atenção no baile, assim. Volta e meia, assim, eles tinham um tempo de descanso, quando ele parava e ia ali pra rua, assim, e daí um senhorzinho ia lá e tirava ela pra dançar. Ou até eu ia lá tirar pra dançar, entendeu? Eles dançavam. mas a ideia delas é assim, é ir já acompanhado com o dançarino tanto que tu consegue ver assim, a discrepância de idade, assim aí tu já sabe que a pessoa tá indo com o dançarino.”

Podemos perceber por essas falas, que em cidades onde a prática do contrato já está mais consolidada, enraizada no baile, ela altera a dinâmica das relações nesse espaço. E o convite para dançar começa a perder um pouco a razão de ser, já que o baile se transforma em um local para a prática entre a contratante e seu contratado.

As formas de se relacionar nos diferentes ambientes vão mudando ao longo do tempo e também de acordo com as mudanças que vão acontecendo na sociedade. Hoje em dia, as mulheres que contratam cavalheiros de aluguel fazem isso com o intuito de dançar, de treinar o que aprendem nas aulas e praticar a dança. É uma atividade de lazer, com um acompanhamento profissional. A dança é o fim em si mesma, diferente da ideia original que fazemos do baile, na qual a socialização é o foco e a dança é o meio.

Além disso, essa mudança na interação entre os participantes nos bailes é interessante de ser analisada: a primeira impressão parece ser que o contrato prejudica a socialização, mas quando mudamos um pouco a perspectiva, percebemos que as mulheres que contratam, na sua maioria, não estavam participando dessa socialização, elas eram excluídas e foi isso que motivou o contrato.

A dúvida que surge é como criar um baile mais inclusivo, onde todos podem participar, sem desmerecer o contrato - que pode ser uma fonte de renda importante para o profissional da dança, além de um suporte técnico para quem contrata - mas também sem acabar com a socialização? E01 traz algumas pistas:

“Eu entendo a socialização como um conteúdo a ser desenvolvido nas aulas de dança de salão. O professor de dança de salão não vai ensinar só passo, vai ensinar também a pessoa a entender como aquela cultura funciona(..) eu acho que a nossa tarefa também é ensinar como se portar num baile, né? Se portar no sentido de... de interagir com as outras pessoas, de dançar com quem tem uma técnica menos desenvolvida do que a tua, de receber quem tá chegando pra comunidade ampliar, de não entender como estranho você ver dois homens dançando, ou duas mulheres dançando juntas, duas mulheres dançando juntas não é porque tem falta de homem, e no que as duas podem ter escolhido dançar uma com a outra. Então, tudo isso eu acho que é algo que a gente precisa falar em aula, né?”

Pensar nesse tema como conteúdo a ser desenvolvido nas aulas de dança pode ser um caminho interessante. Os professores de dança de salão podem trazer esses assuntos para as aulas e mais do que desenvolver esses conteúdos, é na prática dos bailes e nos exemplos onde mais ensinamos e aprendemos.

Desafiar os papéis de gênero tradicionais na dança de salão é fundamental. Isso significa desvincular os papéis de condutor(a) e conduzido(a) do gênero. As mulheres podem conduzir, se assim desejarem, e os homens podem ser conduzidos também. A desconstrução desses estereótipos permite que as mulheres se sintam mais capacitadas e confiantes na pista de dança. Além disso, o convite para dançar deve ser algo natural, e partir de qualquer pessoa que deseja dançar com outra, não deve ser um privilégio ou uma obrigação de determinado grupo.

Integrar a socialização e a desconstrução de estereótipos como parte do conteúdo das aulas de dança de salão pode enriquecer a experiência dos alunos, promover um senso de comunidade e tornar a prática da dança mais significativa.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho permitiu entender um pouco mais sobre a prática do contrato nos bailes de dança de salão em Porto Alegre. A escolha do termo "Cavalheiro de Aluguel" é justificada pela ligação dessa prática ao cavalheirismo e os ideais de "dama" e "cavalheiro" tão presentes e difundidos nos ambientes relacionados com a dança de salão. Como foi possível observar, embora essa dinâmica esteja sendo questionada em diversos ambientes relacionados com a dança de salão, ainda é bastante presente em contextos mais tradicionais e voltados para a terceira idade.

A análise das entrevistas evidencia o perfil dos contratados: todos solteiros, predominantemente dando aulas de dança e com outras atividades profissionais em paralelo. Do lado das contratantes, mulheres acima dos 60 anos, frequentadoras de aulas de dança, aposentadas e, em sua maioria, solteiras ou viúvas, buscam no contrato uma solução para o desequilíbrio entre os pares nos bailes. A prática é encarada como uma oportunidade de dançar, sentir-se seguras e desfrutar de uma companhia agradável, proporcionando uma nova perspectiva nos bailes, onde as mulheres contratantes têm a liberdade de escolher seus parceiros e garantir sua participação ativa na dança.

Essa prática, não apenas transforma a dinâmica dos bailes, mas também desempenha um papel importante na inclusão social dessas mulheres, que encontram no contrato uma forma de participar ativamente do universo da dança de salão, onde antes se sentiam excluídas, permitindo que as mulheres desfrutem plenamente de sua paixão pela dança.

A análise da mudança na interação entre os participantes nos bailes revela uma perspectiva intrigante. Embora a primeira impressão sugira que o contrato pode prejudicar a socialização, uma revisão mais aprofundada destaca que as mulheres que optam pelo contrato, em sua maioria, estavam previamente excluídas desse contexto social. O contrato, nesse sentido, emerge como uma resposta à necessidade de inclusão dessas mulheres, proporcionando-lhes uma participação mais ativa nos bailes, destacando-se como uma tentativa de promover uma socialização mais equitativa e inclusiva nos bailes.

Incorporar a socialização e a desconstrução de estereótipos como conteúdos essenciais nas aulas de dança de salão tem o potencial de aprimorar a vivência dos

alunos, fomentar um maior senso de comunidade e conferir uma dimensão mais significativa à prática da dança de salão.

Por fim, a área de estudos sobre sociabilidades oferece um vasto território para explorar e compreender as complexidades das interações humanas, à medida que avançamos nesse campo, percebemos que cada descoberta abre portas para novas possibilidades de pesquisa. Como no fim de uma dança, finalizo esse trabalho de conclusão de curso com a sensação que quero dançar mais. Sento na cadeira, agradecendo pela experiência compartilhada e descanso um pouco, esperando que não demore muito para a próxima dança, que em breve alguém me convide, ou eu me levanto e convido alguém para dançar a próxima música. Acredito que esse trabalho é apenas uma das muitas danças compartilhadas em um baile. O baile continua.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ALBERTI, Verena. **História Oral: a experiência do Cpdoc**. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1989.
- ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. FGV Editora, 2005.
- ALVES, Andrea Moraes. **A Dama e o Cavaleiro: um estudo antropológico sobre envelhecimento, gênero e sociabilidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2000.
- BOURCIER, Paul. **História da dança no Ocidente; Tradução Marina Appenzler**.-2º ed - São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- FERREIRA, Maneta de Moraes.; AMADO, Janaina. **História Oral: um inventário das diferenças**. In: *Entrevistas: abordagens e usos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1994. p.1-13.
- FERREIRA, Maneta de Moraes; AMADO, Janaina. (Ed.). **Usos e abusos da história oral**. FGV Editora, 1996.
- FERREIRA, Maneta de Moraes; FERNADES, Tania Maria; ALBERTI, Verena. **História oral desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000. 204p. ISBN 85-85676-84-1.
- GOMES, Jussara Vieira. **Um pouco sobre a história da dança de salão no Brasil**. Rio de Janeiro, 2012.
- NUNES, Bruno Blois. **O Fascínio das danças de corte**. Curitiba: Aprris, 2016.
- PERNA, Marco Antonio. **Samba de Gafieira: a história da dança de salão brasileira**. Rio de Janeiro: O Autor, 2001. 2º edição
- RIED, Bettina. **Fundamentos da Dança de Salão: Programa Internacional de Dança de Salão; Dança Esportiva Internacional**. Londrina: Midiograf, 2003
- SANTOS, Carlos José Gludice. **Tipos de pesquisa - Oficina da Pesquisa**, 2010.
- SIQUEIRA, Monalisa Dias de. **“Quem Convida é a Mulher”:** **Experiências Femininas de Subversão nos Bailes de Dança de Salão**, Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2011.
- TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

**ANEXOS**  
**ANEXO I - CARTA DE APRESENTAÇÃO**



**CARTA DE APRESENTAÇÃO**

Venho, por meio desta, apresentar MARIANA WOLFENBEATUL, estudante do curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, integrante do PROJETO ARANDÚ PESQUISA EM HISTÓRIA E MEMÓRIA DA DANÇA da mesma instituição.

Gostaria, desde já, agradecer sua disponibilidade em conceder uma entrevista para ser preservada e afirmo que o seu depoimento é muito importante para a memória da dança no Rio Grande do Sul.

Coloco-me à disposição para maiores informações, caso necessário através do fone (51)3308-5836 ou de meu e-mail [maluoliveira@ufrgs.br](mailto:maluoliveira@ufrgs.br)

Atenciosamente,

Profa. Dra. Maria Luisa Oliveira da Cunha  
Coordenadora do PROJETO ARANDÚ  
PESQUISA EM HISTÓRIA E MEMÓRIA DA DANÇA

## ANEXO II - ROTEIRO DE ENTREVISTAS

### Roteiro de Entrevistas - Contratados

Este roteiro de assuntos a serem abordados norteará as entrevistas referente a pesquisa de Mariana Wolffenbuttel sobre o contrato de parceiros para dança na dança de salão. Não existe obrigatoriedade de ordem do tema abordado, sendo possível acrescentar assuntos.

#### **Nome / Data de nascimento / Naturalidade / Estado civil/ Filhos / Formação profissional /**

1. Como começou na dança de salão? Há quanto tempo você está nesse meio? Você dá ou deu aula? (particulares, em escolas?) Pode me contar um pouco sobre sua inserção na dança de salão?
2. O que você poderia me contar sobre o surgimento da prática do contrato na dança de salão em Porto Alegre? e como chegou em você? (como se deu a inserção neste trabalho? remuneração? quantidade e regularidade dos contratos/contratadas? contratos fixos/agenda? Quais os tipos de bailes para os quais é contratado? nível social e econômico da contratante?
3. Quais as etiquetas do contrato? pode me descrever uma noite típica de trabalho? Existe alguma regra de comportamento/vestimenta? Quem decide as danças? É preciso convidar a contratante pra dançar ou ela que avisa a música que quer dançar? Existe alguma organização entre os personal dancers (indicação de contratantes, definições de valores de contrato, algum canal de comunicação?)
4. Gostaria que você me falasse um pouco sobre esse contexto: antigamente nos bailes existiam algumas regras de etiquetas, como por exemplo o tirar para dançar, uma decisão que era do cavalheiro em relação a dama, muitas mulheres “sobravam”, hoje em dia, muitas contratam parceiros para dançar nos bailes. que mudanças você percebeu no seu tempo de carreira na dança?
5. Já conheceu alguma mulher que fizesse contrato?
6. Passou por alguma situação inusitada que gostaria de compartilhar?

## **Roteiro de Entrevistas - Contratantes**

Este roteiro de assuntos a serem abordados norteará as entrevistas referente a pesquisa de Mariana Wolffenbuttel sobre o contrato de parceiros para dança na dança de salão. Não existe obrigatoriedade de ordem do tema abordado, sendo possível acrescentar assuntos.

### **Nome / Data de nascimento / Naturalidade / Estado civil/ Filhos / Formação profissional /**

1. Como começou na dança de salão? Fez ou faz aulas? Frequência das aulas? Pode me contar um pouco sobre sua inserção na dança de salão?
2. O que você poderia me contar sobre o surgimento da prática do contrato na dança de salão em Porto Alegre? e como chegou em você? Lembra quando e como foi o seu primeiro contrato?
3. Como funciona? O que vocês costumam combinar antes? Valores? Duração? Que tipos de baile você frequenta? E em quais você contrata? Tem algum grupo de amigas que dividem o contrato?
4. Gostaria que você me falasse um pouco sobre esse contexto: antigamente nos bailes existiam algumas regras de etiquetas, como por exemplo o tirar para dançar, uma decisão que era do cavalheiro em relação a dama, muitas mulheres “sobravam”, hoje em dia, muitas contratam parceiros para dançar nos bailes. que mudanças você percebeu nesse tempo em que você frequenta bailes de dança? No comportamento das mulheres e homens no baile?
5. Já conheceu alguma mulher que fizesse contrato? Já pensou em contratar alguma?
6. Passou por alguma situação inusitada que gostaria de compartilhar?

### **ANEXO III - CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS AUTORAIS SOBRE DEPOIMENTO ORAL**

Pelo presente documento, eu, \_\_\_\_\_  
CPF nº \_\_\_\_\_, declaro, ceder ao PROJETO ARANDÚ PESQUISA EM HISTÓRIA E MEMÓRIA DA DANÇA da ESEFID - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei a este projeto de pesquisa.

O Projeto ARANDÚ PESQUISA EM HISTÓRIA E MEMÓRIA DA DANÇA fica conseqüentemente autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, o mencionado depoimento no todo ou parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a única ressalva de sua integridade e indicação da fonte e autor.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Assinatura do depoente

## **ANEXO IV -TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

O Sr. (a) \_\_\_\_\_ está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar desta pesquisa do PROJETO ARANDÚ PESQUISA EM HISTÓRIA E MEMÓRIA DA DANÇA da ESEFID - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Neste estudo temos como objetivo geral a recuperação e preservação da memória da dança através da coleta de depoimentos de pessoas que tiveram e tem relevância no campo da estruturação e legitimação dessas práticas sejam elas de grupos populares, de instituições sociais, de artistas cuja história de vida esteja relacionada com a estruturação e consolidação da dança no Brasil.

Para este estudo adotaremos a metodologia da História Oral utilizando os seguintes procedimentos: entrevista semi-estruturada, baseada em roteiro, gravada, transcrita, devolvida ao entrevistado para correções, e posteriormente utilizada para fins acadêmicos, cumprindo com o sigilo e confidencialidade da pesquisa.

Para participar deste estudo você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido (a) sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. É necessário deixar claro que os riscos na sua participação se dão em relação ao constrangimento, cansaço ou aborrecimento em responder as perguntas ou também desconforto, intimidação, vergonha, invasão de privacidade e exposição, principalmente quando as perguntas estão relacionadas a tópicos sensíveis ou pessoais de suas vidas. Há também o risco de quebra de sigilo e confidencialidade. Entretanto a pesquisadora propõe que as entrevistas sejam trabalhadas em todas as etapas respeitando o sigilo e confidencialidade.

A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido pelo pesquisador

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você.

Eu, \_\_\_\_\_, portador do documento de Identidade \_\_\_\_\_ fui informado (a) dos objetivos, riscos e benefícios, desta pesquisa do PROJETO ARANDÚ PESQUISA EM HISTÓRIA E MEMÓRIA DA DANÇA, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar. Declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada à oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Porto Alegre, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_ .

---

Assinatura do entrevistado(a)

Pesquisador Responsável:  
Endereço: AV. FELIZARDO 750  
PORTO ALEGRE RS  
Fone: (51) E-mail:

## ANEXO V – ENTREVISTAS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA FISIOTERAPIA E DANÇA  
LICENCIATURA EM DANÇA

### PROJETO ARANDÚ HISTÓRIA E MEMÓRIA DA DANÇA

ROBSON TEIXEIRA PORTO  
(depoimento)

2023

#### FICHA TÉCNICA

**Projeto:** ARANDÚ História e Memória da Dança  
**Número da entrevista:**  
**Entrevistado:** Robson Teixeira Porto  
**Nascimento:** 12/07/1987  
**Local da entrevista:** residência do entrevistado (online, por vídeo chamada)  
**Entrevistador/a:** Mariana Wolffenbuttel  
**Data da entrevista:** 8/11/2023  
**Transcrição:** Mariana Wolffenbuttel  
**Copidesque:** Mariana Wolffenbuttel  
**Pesquisa:** Mariana Wolffenbuttel  
**Total de gravação:** 32min15s  
**Páginas Digitadas:** 10  
**Observações:**

O Projeto ARANDÚ está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Porto Alegre, 08 de Novembro de 2023. Entrevista com Robson Teixeira Porto a cargo da pesquisadora Mariana Wolffenbuttel, para o Projeto ARANDÚ História e Memória da Dança. Local: residência do entrevistado de forma online por vídeo-chamada.

**MW:** Eu gostaria de saber o seu nome completo.

**RTP:** Eu me chamo Robson Teixeira Porto

**MW:** Qual sua data de nascimento?

**RTP:** 12 de julho de 1987, tenho 36 anos.

**MW:** Qual sua cidade de nascimento?

**RTP:** Rio Grande

**MW:** E onde você reside atualmente?

**RTP:** Pelotas

**MW:** Qual seu estado civil? Você tem filhos?

**RTP:** Solteiro, não tenho filhos

**MW:** Qual a sua atuação e formação profissional?

**RTP:** Eu sou professor de dança de salão, por muito tempo eu dei aula em academias de dança, tudo que tem a ver com dança, eu sempre estive envolvido. Então, já trabalhei um tempinho em cruzeiros, como professor em academia, dirijo uma companhia de dança em Rio Grande, a companhia de dança de salão Robson Porto. Atualmente estou trabalhando na universidade como professor substituto e a minha pesquisa, sou doutorando da UFRGS em artes cênicas, e a minha pesquisa também é em dança de salão. É basicamente isso, assim, já trabalhei como personal dancer, em vários espaços, com coreografias, também trabalho como coreógrafo quando me chamam para algum trabalho. Então, se tem dança de salão e me chamarem, eu estou dentro.

**MW:** E qual a tua formação profissional? em dança ou educação física?

**RTP:** Formação acadêmica? Eu sou licenciado em matemática, depois eu fiz mestrado em educação, em ciências, mas sempre dancei. Depois fiz licenciatura em dança na UFPEL, especialização em artes também na UFPEL, e estou fazendo doutorado em artes cênicas na UFRGS.

**MW:** E como que começou na dança de salão? Há quanto tempo?

**RTP:** Eu comecei a dançar em 2006. Eu comecei a dançar em grupo, num grupo de dança em Rio Grande. Era um grupo que dançava de tudo um pouco. Era Ritmos Cia de Dança. Eu comecei pelo axé, mas eu já comecei a entrar na dança de salão também, porque o forte do grupo era a dança de salão. Mas eu considero meu início na dança de salão em 2008, quando eu já estava dançando mais coreografias de dança de salão. Eu estava mais envolvido. Mas antes disso eu já fazia algumas atividades envolvendo a dança de salão.

**MW:** E tu dá aula de dança de salão no momento?

**RTP:** Atualmente eu tô na universidade, como professor substituto ali. Trabalho com a disciplina de dança de salão no curso de dança. E atualmente eu ministro oficinas, eu tenho umas oficinas de dança de salão relacionadas com a minha pesquisa, que parte da ideia de uma dança de salão inclusiva para as questões de gênero e sexualidade. Então, eu tenho a proposta já relacionada com essas questões e a eu viajo para ministrar essas oficinas em Porto Alegre, Pelotas, algumas cidades aqui perto de Rio Grande, alguma academia, mas não tô mais com aulas regulares, só alguma oficina esporádica ou quando eu chego pra algum workshop de algum gênero específico.

**MW:** Como você enxerga que se deu o surgimento da prática de contrato de bailarinos como pares de dança nos bailes de dança de salão?

**RTP:** O personal dancer é um personagem polêmico. Eu vejo duas categorias de personal. Uma são os espaços que contratam, geralmente, dançarinos habilidosos, alguns professores de dança, para dançarem com as pessoas daquele espaço. Então, eu vejo isso como uma categoria, como um espaço contratando alguns dançarinos para dar conta das pessoas que estão sem par, geralmente mulheres. Então, geralmente só os homens são contratados para dançar com as mulheres, que, na maioria das vezes, são maioria nesses espaços. E a outra possibilidade, são os personal dancers com contratos particulares, onde uma pessoa contrata outra pessoa, um profissional da dança, para acompanhar uma festa e um baile para dançar. Em Porto Alegre, eu tive uma experiência como personal, que era um evento de alguma empresa que eu não lembro qual era, eu fui contratado junto com outros dançarinos para fazer a animação daquela festa. Então, nós convidávamos as convidadas da festa para dançar. E em alguns momentos a gente dançava sozinho e tal. Como que eu vejo isso? Eu vejo com uma forma positiva por um lado, porque é uma oportunidade de trabalho para quem atua na área de dança de salão, então isso é bom. Pelo fato de não se ter um reconhecimento profissional, então acaba sendo uma área muito complicada para quem trabalha com isso. Então, muitas vezes, um professor de dança ou uma professora de dança de salão, quando chega naqueles meses de janeiro, fevereiro, onde os alunos estão de férias, são meses mais difíceis para você conseguir monetizar, enfim. Então, eu vejo isso como mais uma possibilidade de trabalho de renda para esses profissionais. Então, por esse motivo, eu acho bem positivo e acho válido. Também acho válido pelo fato de, muitas vezes, numa festa, agora vou falar especificamente de gênero, tem muitas mulheres e tem poucos homens querendo dançar com essas mulheres, então essas mulheres ficam sentadas esperando os homens convidarem elas para dançar, em ambientes de dança de salão, ou em ambientes que não são de dança de salão, mas que também as pessoas querem dançar. Então, eu vejo o personal como uma possibilidade de que essas pessoas tenham algum par para dançar. Então, se for um homem, eu falo de homem porque geralmente os contratos são só para homens, poucas mulheres atuam como personal, então, a possibilidade de ela dançar com um homem, que vai ser uma pessoa educada, que vai respeitar, que vai ter uma base de dança, se for uma mulher que já estuda dança vai querer dançar com alguém que já tem uma base. Então, nesse sentido, acho positivo, até quando o contrato é particular. Mas, por outro lado, eu penso que os pessoais, as vezes, tem um lado que eu acho que é complicado, porque, por exemplo, num baile de dança de salão, às vezes, as pessoas vão e elas levam já o seu profissional contratado, e isso faz com que mude um pouco a rotina do baile. porque as pessoas vão querer dançar com aquele profissional que está pago e não vai ter a socialização, que uma das bases da cultura da dança de salão, que a troca, compartilhar, conhecer outras pessoas, dançar com várias pessoas. Então acaba que as pessoas ficam focadas naquele bailarino que contratou. O foco fica muitas vezes na técnica, você escolhe algum pela técnica e não tem a socialização, que é a base da cultura. Então é problemático nesse sentido. Pensando que tem alunos que frequentam esses bailes, muitas vezes, agora os homens iniciantes na dança, não tem vez de dançar, porque entre eles e os profissionais contratados, vão optar por dançar com as pessoas contratadas e aqueles alunos iniciantes não vão ter com quem dançar, a menos que também contratem alguém para dançar com eles. Então, tem essa questão do mercado que eu acho complicada, porque muitas vezes ela vai... ela vai de encontro com a ideia da

cultura, da comunidade do salão. Então, nesse sentido, eu acho que problemático, mas isso não tem tanto a ver com o personal dancer em si, mas com a pessoa que está promovendo o baile, de ter esse olhar, de saber o quanto que, pensando que vai ter bailarino contratado pelo produtor, como que ele vai contratar essas pessoas e de que maneira vai organizar o baile, vai melhorar o baile e não vai fazer o baile ter uma outra forma de acontecer, muito comum, assim, tipo... Não sei se isso acontece muito em Porto Alegre, mas sei que acontece muito em São Paulo e em outros lugares, ter aqueles chás, onde muitas mulheres vão, chás ou jantares, enfim, e tem muitos pessoais contratados pela casa, então elas vão lá pra dançar com aqueles bailarinos. Qualquer outra pessoa que não faz parte, que não é bailarina e nem uma mulher que tem uma condição financeira pra contratar um personal, não vai participar daquele espaço, não vai dançar. Então, eu acho que tem os dois lados. Bom para quem contrata, que tem uma segurança, tem uma possibilidade de dançar com alguém que tem uma base maior, mas também, pelo outro lado, é ruim, porque quem não pode pagar por um personal não vai ter essa mesma possibilidade e, às vezes, a gente perde o principal da dança de salão, que é a socialização.

**MW:** E como você se inseriu nessa prática de contrato? Como que chegou até você?

**RTP:** Então, foi bem curioso como chegou, porque eu já atuava como professor em Rio Grande, na época só atuava em Rio Grande, e eu lembro que teve... tinha um professor mais antigo da cidade que fazia isso, mas eu não conhecia, eu tava bem no início da minha carreira, assim, como professor. E aí esse professor, ele parou de fazer isso, porque ele casou, enfim, e optou por não trabalhar mais como personal, e me indicou para uma aluna dele que me procurou e falou como que acontecia, e me convidou pra ir numa festa acompanhá-la. Eu fui, dancei, e comecei a entender que isso acontecia e depois eu comecei a viajar pra fazer aula em outros lugares, e fui tendo convites pra acompanhar pessoas pra dançar. Aconteceu isso em eventos também, de acompanhar alunas em eventos. Então, eu fui tendo contato com outros meninos que também faziam isso. A experiência de trabalhar no Cruzeiro também... No primeiro ano, eu fui contratado no Dançando a Bordo<sup>11</sup>. E aí eu pude ver como que isso acontecia. Depois, nos outros anos, eu fui já com uma equipe do Costa Cruzeiros. E foi muito legal, que eu pude ter essa ideia da importância do personal no Cruzeiro. Tinha duas modalidades. Eu era personal do navio, mas tinha uma outra categoria de meninos, que eram os mais renomados, eram professores mais conhecidos, que eles tinham um outro status, que eram os contratados particulares. Então, eles iam pra lá, já tinham pessoas que pagavam a passagem deles, pagavam a estadia deles pra eles acompanharem exclusivamente aquela mulher. Então, a gente tinha dois status de personal dancers dentro daqueles espaços. E era engraçado porque tinha até uma questão de vaidade das próprias mulheres: "Ah, eu trouxe o meu professor, que ele o melhor do estilo tal, em determinada cidade, determinado estado". Então, havia uma disputa entre elas. Então, tem uma relação financeira muito forte ali também. O poder aquisitivo influenciava muito na questão dos contratos também. Mas sim, foi mais ou menos assim que eu fui entrando nesse ambiente.

**MW:** Agora você não está mais atuando, mas na época, como era a remuneração, regularidade desse trabalho?

**RTP:** Pelo fato de eu atuar em Rio Grande, depois em Rio Grande e Pelotas, sempre foi um extra, porque não tem tantos lugares pra dançar. Assim, em Pelotas eu trabalhei em um lugar chamado Baleno, que agora fechou, agora virou uma pizzaria, mas por muitos anos era uma festa. Uma festa de... Não tem muitas opções para pessoas acima de 50 anos saírem aqui. Então essa era uma das poucas festas onde as pessoas poderiam ir. E lá tinha os dançarinos, que eles chamavam. E eu fui um desses dançarinos e atuei três anos na casa. Então, toda sexta-feira, eu atuava lá dançando com a mulherada toda. E aí tinha um valor que eu recebia toda sexta-feira. Mas isso não era uma coisa significativa na minha renda, porque era um valor bem baixo. A casa não entendia a importância dos pessoais. Porque, naquele espaço, o personal era muito importante. Porque tinham pessoas que só dançavam com a gente. Tipo, ficava a noite inteira e só dançavam com os dois pessoais que tinha na casa, porque... Enfim, acabava que sempre as mesmas mulheres eram convidadas pra dançar e outras só dançavam com a gente... Mas o espaço não entendia essa função como uma função importante naquele espaço. Então, isso era refletido porque a remuneração não era condizente com a importância que nós tínhamos naquele espaço. Mas foi uma experiência bacana. E também tem isso, né? A gente não atuava em bailes de dança de salão, a gente atuava nas baladas. Então, a pessoa te contrata, tu vai numa festa e tu dança com aquela pessoa. Mas era um extra na minha renda. Até porque não era o que eu mais gostava de fazer. O que eu mais gosto de fazer na dança de salão é dar aula. Então, quando eu podia fugir dos contratos, eu fugia. Não era a coisa que eu mais gostava de fazer dentro da dança de salão.

---

<sup>11</sup> Cruzeiro temático de dança de salão, com aulas e bailes de dança

**MW:** E qual o perfil das contratantes? Consegue traçar algum perfil dessas pessoas que te contratavam?

**RTP:** Ah, sim. um perfil bem específico. Mulheres de 50 a 65 anos, no meu caso, eram pessoas de classe média, média, não eram pessoas com alto poder aquisitivo, até porque o meu valor não era alto. E aqui eu era um dos poucos que fazia isso, como personal particular. Depois eu comecei a indicar para os meus alunos, então hoje em dia quem faz mais são meus ex-alunos que eu indico, mas não era um valor muito alto. Então era esse perfil, tipo, aluna de dança de salão. Eu só fazia personal com quem fazia aula de dança de salão. Porque aqui no interior as pessoas às vezes não entendem exatamente o que é a função do personal dancer. Então, uma das coisas que eu usava para tentar divulgar esse trabalho era dizendo que eu só fazia isso com pessoas que faziam aula de dança de salão, para deixar bem claro qual era a minha atuação. Então era isso, o perfil era exatamente esse.

**MW:** E quais são as etiquetas? Tem algum padrão de etiqueta do contrato ou da etiqueta de como se comportar no momento do baile?

**RTP:** Na verdade, isso é muito particular, né? Cada um tem a sua maneira de atuação. O jeito que eu atuo, o jeito que eu orientava os meninos, que eu indicava para trabalhar, sempre: não beber. Só tomar água, não ter nenhum tipo de bebida alcoólica. Porque tu não tá ali pra curtir a festa, tu tá ali pra trabalhar. Então eu acho que quando tu vai consumir uma bebida alcoólica, eu acho que tu já perde um pouco do teu propósito, porque tu tá ali trabalhando. Uma outra questão que eu sempre prezava era isso, né? Tu não tá sendo pago só pra dançar. A pessoa quer uma companhia, então vai ser uma boa companhia. Então, por mais que eu soubesse que ali eu estava trabalhando, não deixar essa relação muito profissional. Então, eu falava sobre qualquer coisa, brincava, e eu sempre fazia os contratos com pessoas que eu tinha afinidade. Porque o contrato que eu fazia era sempre, no mínimo, três horas. Então, tipo, eu não vou ficar três horas com uma pessoa que eu não consigo dialogar. Então, todas as pessoas que eu saía eram pessoas que eu realmente gostava de conversar, algumas que eu tinha afinidade. E ficava aquelas três horas. Eu dizia pra elas, eu tô disponível pra dançar contigo. Às vezes, acontecia de eu ir num baile, e como a cidade é pequena, tu conhece muitas pessoas naquele ambiente. Então, elas me emprestavam pra dançar com as amigas delas. “Ah, com a Fulana, tu pode dançar, com a Ciclana tu pode dançar”... Mas não partia de mim o convite. Elas estavam emprestando. Porque às vezes eu saía com outra colega e elas também me emprestavam pra outra. Então, tinha uma relação assim entre elas, né? Então... Então era isso, sabe? Tipo, eu ficava ali disponível, uma companhia disponível, quer dançar, vamos dançar, mas o convite poderia partir de mim, partir dela, era mais ou menos assim.

**MW:** E vocês tem alguma organização? Ou tiveram por algum período, algum tipo de organização, assim, um grupo de WhatsApp, algo assim? que vocês combinam valores, indicações de trabalhos, etc?

**RTP:** Então, não tinha, não tinha essa organização. Até porque as pessoas, vou explicar, as pessoas aqui, elas não viam isso como um trabalho, sabe? Tipo, elas não têm esse entendimento do personal dancer, não tem essa visão. Então, às vezes, tipo, cobra muito barato, no momento que tu desce muito o teu valor, tu tá diminuindo o trabalho de todos os outros que fazem isso também. Porque tem pessoas que querem, tipo, por 50 reais pra pagar a cerveja. Porque pra eles, eles já gostam de dançar. Eu não preciso de professor para fazer isso, pode ser qualquer aluno que dance, que tenha uma dança compatível com aquela pessoa que contratou. Então, às vezes, tipo, uma pessoa... às vezes um menino novo na dança, com pouca experiência, mas que vê uma oportunidade de ganhar o dinheiro. Mas não tinha essa orientação de valores. Se fosse alguém mais próximo de mim, eu dizia: “eu cobro isso”. E a pessoa seguia ou não. Às vezes ela colocava um pouquinho menos. O fato de eu ser o professor que tinha indicado ela, ela colocava um pouquinho menos, ou colocava a mesma coisa que eu. E uma coisa que eu não falei, que eu fazia aqui também, tem uma época que eu promovia bailes. E aí, quando eu promovia bailes, eu colocava seis personal dancers também. E aí, sim, que tinha mais essa organização de orientação. Mas basicamente, a orientação que eu tinha era que a relação fosse estritamente profissional. Porque, às vezes, alguns ali não entendiam que eles estavam ali só para dançar. E, sentindo envaidecidos naquela situação de serem seis homens e um monte de mulheres querendo dançar, se envaideciam naquele espaço e interpretavam diferente o convite para dançar. Então, na verdade, a minha preocupação e as minhas orientações eram mais nesse sentido de entender que eu sou um profissional para dançar e ponto. Mas era mais nesse aspecto.

**MW:** A minha próxima pergunta, até tu já me respondeu no início, que era justamente essa questão dessa mudança do contexto dos bailes a partir do contrato de personal dancers, tu comentou sobre a mudança das relações nos bailes e a questão da socialização, se quiser complementar mais alguma

coisa nesse sentido. Quais as mudanças que tu enxerga que aconteceram nos bailes a partir dos contratos?

**RTP:** Eu acho que muda muito, eu ainda falo de uma realidade do interior do Rio Grande do Sul, que diferente de Porto Alegre, eu percebo aqui, agora falando de Rio Grande e Pelotas, que está tendo uma ascensão das academias, então agora tá tendo mais academias, tendo mais pessoas interessadas pela dança de salão, e isso tá fazendo com que aconteçam mais bailes. Só que os bailes ainda são muito focados na técnica, sabe? De fazer aquele passo, de treinar aquele movimento, então eu vejo que acaba que se torna chato, porque tá um lugar para as pessoas competirem, quem faz mais passos, acho que é um pouco diferente de Porto Alegre ainda, que aqui a gente ainda está muito ainda aquém da capital, nesse sentido, porque ainda tem uma vaidade muito grande na questão de movimentos, de competição da academia A com academia B. Então, a socialização que é algo importante da dança de salão, eu entendo a socialização como um conteúdo a ser desenvolvido nas aulas de dança de salão. O professor de dança de salão não vai ensinar só passo, vai ensinar também a pessoa a entender como aquela cultura funciona. Eu entendo que isso também tem que ser ensinado, não só a técnica, não só a perna e o braço e o quadril. E isso reflete nos bailes. Então, eu nem culpo as pessoas. Eu vou lá e eu culpo quem tem ministrando as aulas, nas academias, que não tem orientando os alunos pros bailes, né? Porque eu acho que a nossa tarefa também é ensinar como se portar num baile, né? Se portar no sentido de... de interagir com as outras pessoas, de dançar com quem tem uma técnica menos desenvolvida do que a tua, de receber quem tá chegando pra comunidade ampliar, de não entender como estranho você ver dois homens dançando, ou duas mulheres dançando juntas, duas mulheres dançando juntas não é porque tem falta de homem, e no que as duas podem ter escolhido dançar uma com a outra. Então, tudo isso eu acho que é algo que a gente precisa falar em aula, né? E como não se fala, então acaba que nossos bailes aqui, acaba que eles tem alguns problemas nesse sentido, sabe?

**MW:** Eu estava conversando com uma amiga que vai muito pra São Paulo, e ela disse que foi nos bailes de tango e que era todo mundo com o seu personal. Eu fiquei também pensando sobre isso, né, o quanto muda, na socialização né, acaba se transformando em outra coisa.

**RTP:** Eu me choquei com São Paulo.

**MW:** Foi também nos bailes lá?

**RTP:** Exatamente isso que eu vi, assim, eu fui num baile que... Eu trabalho bastante com bolero. Então, geralmente, tipo, se algum lugar tem baile de bolero, lá que eu vou. Bolero, samba, forró. Então, no bolero, tu vai encontrar muitas pessoas também com mais idade, né? E eu fui nos bailes que tocaram esses estilos assim, tocava tango também. E era só isso. Era uma senhora, chegava já de braço com o seu personal. E era isso. Cada um na sua mesa, ninguém interagia com ninguém. Aquelas pessoas dançavam como se fossem um casal. E até mesmo os casais dançam com outras pessoas, né? E era muito assim, tinha essa relação de posse, de certa forma, sabe? E eu achei triste, assim, porque eu lembro que eu cheguei, eu não era personal nesse espaço, eu tenho um amigo que eu tava visitando lá, que é personal, ele trabalha, ele nem dá mais aula, ele só trabalha como personal, de segunda a segunda... não, na verdade tem um dia que ele tira de folga só. E eu cheguei com ele no espaço, só pelo fato de eu ser jovem, eu já fui lido como personal, por estar naquele espaço. Então eu convidava as pessoas pra dançar, elas queriam saber o valor e eu falei: "não, estou aqui, só quero dançar, estou te convidando pra dançar". Isso foi visto com estranhamento por elas: "Ah, uma pessoa querendo dançar, me tirando pra dançar?" porque já não estão mais acostumadas com isso.

**MW:** E tu já conheceu alguma mulher que fizesse contrato de dança, ou só homens?

**RTP:** Já conheci, já conheci, mas não aqui na região. No nosso grupo, em Rio Grande, quando a gente faz baile, o elenco fica disponível pra dançar com as pessoas. Então, os homens ficam como personal e as mulheres também. Então as mulheres convidam. Tipo, isso é uma coisa que falo muito em aula: "Ah gurias, vocês não vão ficar esperando ser escolhidas. Escolham com quem vocês querem dançar também. Convidem as pessoas pra dançar. Convidem homens, convidem mulheres".. Eu trabalho também com a ideia da condução compartilhada. Então, teoricamente, todo mundo vai atuar nos dois papéis. Então, as gurias de Rio Grande, elas conduzem, mas elas não são remuneradas por isso, então não entram nessa categoria. Mas em São Paulo, eu conheci uma menina que ela fazia personal. Mais de uma.

**MW:** Mas dai eram homens que contratavam ou outras mulheres?

**RTP:** Homens e mulheres. Homens geralmente mais velhos, né? e mulheres independente da idade, porque as vezes tem muitas mulheres casadas que fazem aula e o marido não quer que ela contrate um homem, então prefere contratar uma mulher pra acompanhar a esposa, pra acompanhar ela, então era nesse sentido que ela tinha os contratos de mulheres casadas e homens idosos.

**MW:** Interessante. E pra finalizar, você já passou por alguma situação inusitada, alguma coisa assim que você queira compartilhar?

**RTP:** Mais de assédio, assim. De assédio, que é a coisa mais comum. Como contratado particular, eu nunca tive nenhum tipo de problema, porque eu sempre escolhi. Tipo, eu só fazia contrato com quem eu tinha vontade. Mas quando eu fiz personal em bailes, assim, que eu fiz bastante já, tipo... Geralmente as pessoas que estão no meio, quem é do meio da dança entende o que o personal está fazendo ali, mas as pessoas que não são da dança, elas acham que o personal seria como se fosse um garoto de programa. Então tem essa visão. Então, que ela pode, tipo, te tocar, que ela pode te apertar, que ela pode te fazer o que ela quiser, porque tu tá ali, tá sendo pago pra estar ali, tá sendo pago pra me divertir, então... Então, as vezes, tem isso. E às vezes, nessas festas, em bailes de dança de salão isso também acontece, mas aqui, como a gente faz muito em balada, as pessoas já beberam um pouco, então, elas também perdem mais a noção nesse sentido. Então, de mais inusitado é isso. Como eu fazia muito personal em festa, e a festa tem uma dança social, que não necessariamente a dança que a gente trabalha na academia, mas elas estranhavam a forma de dança da academia e queriam que tu fizesse um rebolado a mais, uma queda do tronco pra frente e pra trás. Da pessoa te levar também para um outro tipo de movimentação que é própria daquele ambiente, mas eu sempre levei isso com muito bom humor, assim, sempre me diverti muito, mas entendo que como homem isso era mais fácil, se fosse uma mulher no meu lugar acho que seria bem mais complicado de lidar com essas situações.

**MW:** Acho que era isso. Muito obrigada pela tua participação.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA FISIOTERAPIA E DANÇA  
LICENCIATURA EM DANÇA**

**PROJETO ARANDÚ HISTÓRIA E MEMÓRIA DA DANÇA**

**AUREO BUENO FONTES  
(depoimento)**

**2023**

**FICHA TÉCNICA**

**Projeto:** ARANDÚ História e Memória da Dança

**Número da entrevista:**

**Entrevistado:** Aureo Bueno Fontes

**Nascimento:** 19/03/1968

**Local da entrevista:** Casa de Cultura Mario Quintana

**Entrevistador/a:** Mariana Wolffenbuttel

**Data da entrevista:** 4/11/2023

**Transcrição:** Mariana Wolffenbuttel

**Copidesque:** Mariana Wolffenbuttel

**Pesquisa:** Mariana Wolffenbuttel

**Total de gravação:** 13min38s

**Páginas Digitadas:** 5

**Observações:**

O Projeto ARANDÚ está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Porto Alegre, 04 de Novembro de 2023. Entrevista com Aureo Bueno Fontes a cargo da pesquisadora Mariana Wolffenbuttel, para o Projeto ARANDÚ História e Memória da Dança. Local: Casa de Cultura Mario Quintana.

**MW:** Eu gostaria de saber o seu nome completo.

**ABF:** Eu me chamo Aureo Bueno Fontes.

**MW:** Qual sua data de nascimento?

**ABF:** 19/03/1968

**MW:** Qual sua cidade de nascimento?

**ABF:** Natural de Porto Alegre

**MW:** E onde você reside atualmente?

**ABF:** Porto Alegre

**MW:** Qual seu estado civil? Você tem filhos?

**ABF:** Solteiro, não tenho filhos.

**MW:** Qual a sua atuação e formação profissional?

**ABF:** Sou formado em Educação Física, Bacharelado e Licenciatura.

**MW:** E como começou na dança de salão? Há quanto tempo?

**ABF:** Ah, eu comecei a descobrir... Eu sempre, sempre dancei, né? E eu ia para as festas. E eu sempre soube um pouco, porque eu sempre que dancei.. O homem é mais requisitado na dança Em qualquer lugar que ele vai, ele dança mais. Então eu entrei na dança de salão. A primeira dança de salão que eu fiz mesmo foi salsa. O primeiro ritmo. Assim que eu entrei eu gostei, fui e fui. E fiquei.

**MW:** E há quanto tempo?

**ABF:** Há uns 20 anos. Vamos botar assim? Acho que é isso, mais ou menos... Depois eu comecei a conhecer as outras danças. Daí depois que eu comecei eu fiquei mais curioso.

**MW:** E tu dá aula de dança?

**ABF:** Não, não sou professor de dança. Nunca dei aula de dança, porque assim, a dança é para mim uma terapia. Eu preciso fazer aula. Eu não dou aula de dança. E eu, como sou professor de educação física, trabalho com a terceira idade... E elas me relataram que iam no baile e não tinham com quem dançar. Elas iam só para tomar um chazinho e ficavam na cadeirinha tomando uma cervejinha e ninguém tirava elas para dançar. Daí uma vez me contrataram: "Ah Aureo assim, tem baile e a gente vai pagar pra ti e tu não quer ir?". E eu: "vou, de boa", mas eu nem pensava em trabalhar e fazer uma renda extra com essa função ainda. Da eu fui e gostei. Eu fui, dancei e vi que não era só elas, tinha muito mais gente lá, muito mais gente assim. E os caras que dançavam já iam nas mais conhecidas. Que nem qualquer baile assim, sabe? Já vão nas que conhecem. Então aí eu comecei, daí eu fiz um cartão, e comecei a distribuir no bailinhos para elas. Eu fiquei com elas e eram quatro senhoras. E depois elas falaram pras amigas. Daí foi indo assim, tipo não sou um profissional da área, mas quando me contratam eu vou, assim pra trabalho.

**MW:** O que você poderia falar sobre o surgimento dessa prática do contrato de personal dancer em Porto Alegre?

**ABF:** Acho que eu fui e presenciei. Fui no lugar e vi que tinha esse nicho e comecei...

**MW:** Já tinha outros profissionais quando tu começou?

**ABF:** Não tinha... não tinha.

**MW:** E tu percebeu que começou a ter? Aumentar a quantidade de personal?

**ABF:** Sim. Daí depois, ao longo do tempo, sim, agora tem até amigos meus que fazem... quando eu comecei não tinha ninguém, não tinha ninguém mesmo. Daí todo mundo ficava curioso.. E eu tinha uma camiseta "personal dancer" que eu levava...

**MW:** Que ano isso?

**ABF:** 2009 eu me formei... foi em 2005, 2006, mais ou menos nessa época.

**MW:** E como é a remuneração?

**ABF:** Hoje, ou na época?

**MW:** Pode me falar das duas.

**ABF:** Na época eu não vou lembrar, porque era um valor irrisório... Hoje eu cobro 150/hora de cada uma. E elas pagam bem, felizes, às vezes me pagam mais para ficar mais tempo. Tem gente que faz por hora, outros por contrato, eu faço por hora, por cada pessoa.

**MW:** Não importa quantas pessoas?

**ABF:** Não importa. Eu geralmente trabalho com mais de 4h.

**MW:** Tem horário marcado para começar? Pra terminar?

**ABF:** Sim, eu encontro no lugar. No horário que a gente marca, direto no baile.

**MW:** E o ingresso elas que pagam?

**ABF:** Consumo, entrada, tudo com elas.

**MW:** E tem alguma etiqueta? A roupa que tem que usar?

**ABF:** Sim... como idosa tu sabe, que tu já conhece. Tu sabe como que ela se veste. Tu não vai de calça jeans, tênis, tu não vai. Tu vai mais ou menos adequado assim, de camiseta de botão, de sapatenis, uma coisa mais confortável, mas não muito esporte, e nem boné.

**MW:** E tem alguma regularidade nesses contratos?

**ABF:** Não, não tem. Agora, que comecei a trabalhar mais nos meus serviços na educação física mesmo, eu tô esporadicamente. Para mim já passou essa época, agora já passou. Eu vou esporadicamente. Assim, algumas que eu comecei eu continuo até hoje.

**MW:** Teve um tempo que tinha agenda cheia?

**ABF:** Ah, sim, sim, sim. Teve uma época bem, bem boa. Assim, que todo final de semana tinha.

**MW:** A pandemia teve alguma relação com essa redução?

**ABF:** Ah sim, a pandemia acabou. Já eram dois anos sem contrato.

**MW:** Mas tu tinha bastante contrato antes da pandemia?

**ABF:** Sim. Bastante movimento antes da pandemia. Depois veio a pandemia e caiu bastante. Bastante. Gente de idade morreu, faleceram, diminuiu bastante, daí já tinha mais outros profissionais da área também. Mas para mim caiu bastante sim.

**MW:** E quais os tipos de bailes que você atua? Baile de terceira idade? Baile de dança de salão?

**ABF:** Terceira idade. Terceira idade em clube. Pagode. Dança de salão, até que não, não tanto, não me lembro assim. Acho que nunca fui contratado para dança de salão, mas para bailinhos de terceira idade e pagode. Pagode eu danço bem, modéstia à parte.

**MW:** E qual o perfil, nível social e econômico das mulheres que contratam? Qual a idade?

**ABF:** A maior parte é terceira idade mesmo, a partir dos 60. Mas tem de tudo. No pagode tem pessoas mais novas também. No pagode acontece também, né? As mulheres não dançam tanto como gostariam, sempre tem mais mulheres que homens. Não sei porque, mas isso em tudo. No geral, não tem muito homem não, agora que eu vejo na dança de salão que as mulheres estão dançando mais com as mulheres. Conduzindo e tal.

**MW:** E como funciona no baile? Quem decide o que dançar, ou convida pra dançar?

**ABF:** Funciona assim, a gente está numa mesa, eu não posso parar de dançar. Eu só não vou dançar se nenhuma quiser dançar. Mas sempre tem, sempre tem, difícil não ter, né? Daí tu só pára se ela não quiser. Ah, tô cansado, quero tomar algo, quero descansar, descansa rapidinho e já volta. Eu tiro elas pra dançar, elas me tiram. Sempre tem uma esperando. "Agora sou eu, depois é tu", "tô na fila", "ah, eu gosto dessa música, posso ir na frente?". E tem tudo isso aí.

**MW:** E tem algum tipo de grupo de personal ou tinha, de WhatsApp? Onde vocês combinam ou se indicam? Como funciona essa inserção nesse meio?

**ABF:** Não sei não, não tinha nada, tudo individual, boca a boca. Acho que faltou na época, ia ser bem melhor assim para todo mundo.

**MW:** E você conhecia/convivia com outros profissionais?

**ABF:** Conhecia dois na real, mas eles trabalhavam mais no Gondoleiros e no Bolonha. Mas a gente conversava pouco, assim. A gente não conversava muito... Não sei se é meio fechado, se tipo, se as pessoas não querem falar muito. Não sei o que acontece. Porque ele sabia que eu fazia esse trabalho e ele também, mas a gente nunca conversou sobre. A gente é amigo, mas a gente nunca conversou sobre isso. E eu até hoje eu me pergunto por que a gente nunca conversou? Agora que tu falou, tu perguntando, eu me pergunto porque eu nunca convidei ele, e ele nunca me convidou também, sei lá... concorrência, será? Tem isso.

**MW:** Então não tinham algum tipo de combinação de valores e tal?

**ABF:** Não, nunca.

**MW:** E o que tu percebe que mudou nos bailes a partir dessa prática de contratar personal? Percebe alguma mudança nos bailes?

**ABF:** Ao longo do tempo percebi que não mudou nada. Continuou a mesma coisa. As mulheres tomando chá de cadeira porque os homens não querem dançar, os homens não querem fazer aula de dança, não querem aprender a dançar. O homem tem um preconceito com a dança incrível desde de lá atrás. Assim, a maioria, né? A maioria tem um preconceito. Fazem outras coisas, mas não querem dançar. E eu acho que continua a mesma coisa. Assim as mulheres continuam tomando chá de cadeira. Tanto que agora as mulheres estão dançando com as mulheres porque elas acharam uma forma de dançar.

**MW:** Então já mudou um pouco, né?

**ABF:** É.. Já mudou... Já mudou bastante, né?

**MW:** Nos bailes de terceira idade, tem mulher dançando com mulher também?

**ABF:** Tem, tem sim.

**MW:** E mulheres contratadas, você já conheceu alguma?!

**ABF:** Nunca vi. Mas a mulher que contrata não quer uma mulher. Acho que se fosse para um homem que não soubesse dançar, acho que seria mais válido.

**MW:** E tu já passou por alguma situação inusitada que gostaria de compartilhar?

**ABF:** Ah, sempre tem, né? A velhinha dando em cima de ti, passando a mão na sua bunda. As velhinhas são passadas, mas tu tem que levar de boa. Tipo, tem que ter um jogo de cintura. Uma, que tu não estás lá para casar, tu não quer namorar. E outra, porque tem que manter a conduta, né? Tu brinca, mantendo o respeito para não se passar, porque elas acham que está no pacote. Teve uma que, engraçado, teve uma que falou assim: "minha filha disse que se eu pudesse casar de novo, poderia casar só contigo".. Eu recebo umas cantadas assim, mas daí tu vai jogando, tu vai levando na boa.

**MW:** Então, muito obrigada pela disponibilidade e participação.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA FISIOTERAPIA E DANÇA  
LICENCIATURA EM DANÇA**

**PROJETO ARANDÚ HISTÓRIA E MEMÓRIA DA DANÇA**

**SIDNEI GILBER VAZ PINTO  
(depoimento)**

**2023**

**FICHA TÉCNICA**

**Projeto:** ARANDÚ História e Memória da Dança

**Número da entrevista:**

**Entrevistado:** Sidnei Gilber Vaz Pinto

**Nascimento:** 04/02/1980

**Local da entrevista:** Casa de Cultura Mario Quintana

**Entrevistador/a:** Mariana Wolffenbuttel

**Data da entrevista:** 3/11/2023

**Transcrição:** Mariana Wolffenbuttel

**Copidesque:** Mariana Wolffenbuttel

**Pesquisa:** Mariana Wolffenbuttel

**Total de gravação:** 31min38s

**Páginas Digitadas:** 6

**Observações:**

O Projeto ARANDÚ está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Porto Alegre, 03 de Novembro de 2023. Entrevista com Sidnei Gilber Vaz Pinto a cargo da pesquisadora Mariana Wolffenbuttel, para o Projeto ARANDÚ História e Memória da Dança. Local: Casa de Cultura Mario Quintana.

**MW:** Eu gostaria de saber o seu nome completo.

**SGVP:** Eu me chamo Sidnei Gilber Vaz Pinto.

**MW:** Qual sua data de nascimento?

**SGVP:** 04 de fevereiro de 1980 tenho 43 anos.

**MW:** Qual sua cidade de nascimento?

**SGVP:** Esteio

**MW:** E onde você reside atualmente?

**SGVP:** Esteio

**MW:** Qual seu estado civil? Você tem filhos?

**SGVP:** Solteiro, tenho duas filhas.

**MW:** Qual a sua atuação e formação profissional?

**SGVP:** Sou formado em Administração, Tecnólogo em Administração de Empresa e faço formação em dança. Já fiz vários cursos de dança.

**MW:** Com o que trabalha no momento?

**SGVP:** Agora, no momento, sou produtor cultural.

**MW:** E como começou na dança de salão? Há quanto tempo?

**SGVP:** Comecei na dança de salão há quase 30 anos. Com a dança em si. Começou com a família e foi indo, foi indo. Comecei a fazer cursos. Eu comecei em aniversários de família, festa de 15 anos. Tinha uma tia que levava a gente para fazer 15 anos, debutante, quando eu tinha uns 12, 13 anos ela nos ensinou a dançar. Comecei na família a dançar e depois fui me profissionalizar. Com o tempo fui para uma escola de dança de ballet clássico, depois de dança de salão. Também nesse intervalo, estava fazendo as oficinas de escola de samba, Mestre sala, para me especializar para trabalhar oficialmente como profissional. Comecei a fazer eventos.

**MW:** Que ritmos você dança?

**SGVP:** Eu comecei com o ballet clássico, Jazz. Depois, com o tempo, fiquei muito bailarino. Tive que treinar minha dança para perder a postura de bailarino, ficar mais “malandro”, pra dança de salão, pro samba de gafieira. Fiz vários ritmos: bolero, salsa, samba rock, forró. Samba no pé também.

**MW:** O que tu poderia me falar sobre o surgimento da prática de contato de personal dancers na dança de salão? Como que tu enxerga que se deu isso?

**SGVP:** Amigos meus da dança que me comentaram sobre a questão de ser, no caso, um personal, né? Porque aqui em Porto Alegre não tinha muitas pessoas, homens, que dançavam. A maioria dos homens não queriam fazer aula. As mulheres queriam dançar, mas não tinham par. As mulheres que iam em festa, em baile, queriam dançar. Só que chegavam lá, ficavam horas sem dançar, ficavam meio frustradas. Aí começaram a contratar pessoas, homens, para poder dançar nos bailes, Gondoleiros<sup>1</sup>, bailes assim.

**MW:** E como que deu a tua inserção nessa atividade?

**SGVP:** Foi indicação de amigos, principalmente pessoas que já estavam no meio da dança, que indicaram para participar.

**MW:** Como é a remuneração?

**SGVP:** A remuneração depende. Depende da situação. Tem caras que cobram por hora, Tem caras que cobram por baile...Dependendo da pra cobrar uns 250 o baile, ou 120 a 150/ hora...Depende você pode cobrar de 300 a 350, dependendo do baile.

**MW:** E geralmente tem um horário para dançar, de tal hora a tal hora?

**SGVP:** Tem, tu começa em um horário e dança x horas. Por exemplo, começa às dez e das dez à meia noite ou meia noite e meia ou 01h00... Depende do teu contrato.

**MW:** E quando termina o horário contratado, se o baile continua, tu pode fazer o que quiser no baile, dançar com quem quiser?

**SGVP:** Daí eu posso fazer o que quiser. Daí termina a parte do contrato e eu posso ir. Geralmente acontece isso assim, de terminar o contrato e aproveitar ainda um pouco o baile. Depende, tem monitor que emenda, que faz dois bailes ou faz um baile com duas pessoas. Nesse caso, termina o horário com uma e depois começa outra. E às vezes ele tem cliente que divide. Aí divide o valor é um pouquinho mais, e divide o cavalheiro, daí tem duas mulheres (ou mais) no baile pra dançar no mesmo período.

**MW:** E tu já fez assim também? De ter mais de uma contratante? E como que combina quem dança quando, decide na hora?

**SGVP:** Depende. assim, se combina, se combina, geralmente são pessoas que se conhecem.

**MW:** Quais são os tipos de baile onde ocorrem os contratos?

**SGVP:** Geralmente em bailes em salão, jantares dançantes, Gondoleiros<sup>12</sup>, Geraldo Santana<sup>13</sup>. Não acontece muito em bailes de dança de salão mesmo e escolas.

**MW:** E qual a faixa etária?

**SGVP:** A faixa etária é de 60, 50, 60. De 60 a 80 anos.

**MW:** E qual o perfil que contrata? Existe um perfil?

**SGVP:** Tudo aposentada. E tudo classe alta, classes A.

**MW:** E tu tem uma regularidade desses contratos?

**SGVP:** Tu tem umas fixas, que o professor ou alguém te indica. Às vezes o professor não pode, Daí tu entra no lugar do professor ou tem contratantes fixas. Antes da pandemia, eu tinha contratantes fixas. Depois da pandemia mudou. Antes eu tinha um grupo de umas quatro ou cinco. E era certinho, tinha até uns grupos que faziam uma vez por mês que eram umas seis mulheres que dividiram o

---

<sup>12</sup> O Gondoleiros é um clube social e recreativo, promove bailes de dança

<sup>13</sup> Geraldo Santana é um clube social e recreativo, promove bailes de dança

contrato. Mas agora esse grupo acho que fechou. Eu não sei. Depois da pandemia, ninguém mais me ligou nem nada. E as mulheres diminuíram. Agora tô com uma ou duas. Continuam, mas não como era antes.

**MW:** Quando foi o último contrato que tu fez?

**SGVP:** Eu fiz o último (contrato) no sábado passado. Ligaram. Eu tava vindo de viagem, daí me chamaram.

**MW:** E onde que foi?

**SGVP:** Num bar dançante, um bar novo com dança, com música para dançar, tinha uma banda de samba, samba rock, aqui em Porto Alegre, no bairro Floresta.

**MW:** E como funciona no contrato, geralmente as contratadas também pagam o ingresso do baile e consumação?

**SGVP:** Sim. Dai fica o valor do contrato, mais a entrada mais consumação.

**MW:** E tem alguma regra assim, de roupa? Quais as etiquetas do contrato?

**SGVP:** Assim, a roupa tem que tá bem arrumado, banho tomado, perfumado, cheiroso e bem arrumado. Se não tiver, elas te mandam ir embora.

**MW:** E durante o baile, quem decide a hora de dançar ou a música que vai dançar?

**SGVP:** Se são duas, elas tem que se combinar para dividir, né? Se é sozinha, eu que convido, ou ela me convida, dançamos a noite toda. Descansa um pouquinho e dança de novo.

**MW:** E você sabe de algum grupo, por exemplo, de WhatsApp ou de qualquer outra coisa, que vocês tenham algum tipo de organização entre os personal dancers?

**SGVP:** Até a pandemia nós tínhamos um grupo fechado de whatsapp que tinha alguns pessoais de Porto Alegre.

**MW:** E tinha quantos mais ou menos no grupo?

**SGVP:** Uns 30, 40, acho. E as vezes tem os grupos menores que fecham para fazer algum evento de final de ano, tem festas, bailes que às vezes contratam cinco ou seis personal. Mas esse grupo, depois da pandemia, não existe mais. Nós fizemos dois trabalhos, tem um coordenador do grupo, às vezes ele chama todo mundo pra algum trabalho, mas tem muito pouco depois da pandemia. No caso do grupo é mais para disponibilizar trabalho. Antigamente (antes da pandemia) era assim, montava grupo de cinco ou dez pra fazer um evento. E cada final de semana, tinha um, tinha lugar diferente com evento. Agora, depois da pandemia, acabou os eventos grandes, antes tinha evento grande 1x por mês, dai a gente ia nos clubes, ficava lá. E era cedo, né? Terminava no máximo a uma hora da manhã. Começava às sete ou oito e ia até meia noite, uma hora, não ia tarde.

**MW:** Que mudanças tu consegue perceber no baile a partir dos contratos de personal dancer, você percebe alguma mudança nos bailes ao longo do tempo que tu frequenta?

**SGVP:** Assim, a mudança em si foi, muitas mulheres dançando, querendo dançar e praticando a dança, fazendo aula, estudando para dançar. E não tem cavaleiros nos locais. E os cavaleiros não dançam. Eles não estão fazendo aula, não estão fazendo o curso, não estão fazendo workshop. E ai sempre falta cavaleiro, porque daí quando vai chegar lá no baile não tem ninguém pra dançar e aí pega um contrato de personal para poder dançar, se não fica parada. As mulheres mais velhas, elas não gostam de ficar paradas. Não gostam de ficar no baile paradas. A gurizada nova está fazendo a campanha de condutora. Só que as mulheres mais velhas não aceitam ser conduzidas por outra mulher. É mais fácil ficar sozinhas, dançando sozinhas, do que dançar com uma mulher. E eu sei por que eu dou aula para mulheres. É difícil fazer as alunas aceitarem dançarem entre elas para não ficar parada...Tem que ensinar as mulheres a ser condutora e conduzir. Eu sou contra, mas assim, eu acho que na dança tem pessoas que acham que é bom saber, mas só que eu acho que na dança tem uma química. Se não tiver química a dança fica uma coisa robótica, daí tu vai sempre só fazer o movimento. Acho que homens e mulheres são diferentes na dança, na hora de conduzir...É diferente na dança duas mulheres dançando ou um homem e uma mulher dançando, eu acho.

**MW:** Você já conheceu alguma mulher que fizesse o contrato?

**SGVP:** Acho que a Débora fazia. Uma vez ela falou pra mim que ela fez tango, né? Acho que a Arlete também uma vez falou que fez. Já vi mulheres fazendo contrato mas bem menos quantidade né?

**MW:** E você já passou por alguma situação inusitada que você gostaria de contar?

**SGVP:** Inusitado foi quando vieram me conduzir. Uma mulher me conduzia daí foi uma coisa inusitada.

**MW:** Isso foi uma mulher que te contratou?

**SGVP:** Não, uma professora. Fui fazer uma apresentação e me conduziu, a primeira coisa que eu achei foi que foi estranho, mas eu fui bem direitinho, me defendi. Teve também uma vez, que eu vi, depois de um trabalho, uma contratada dado em cima de um cara. Eu olhei assim "não acredito...bah, pior que é...". Mas acontece, as vezes as pessoas interpretam errado, pensam que é outra coisa... É diferente quando tu vai num baile dançar com diferentes pessoas e quando tu é contratado, com as

mulheres mais velhas é diferente, tem que tratar ela como uma rainha, tem que tratar bem, conversar, dialogar. Às vezes ela nem quer dançar pra valer, às vezes só quer o básico, só o dois e dois ou um para frente ou para trás. Um giro assim mais ou menos... E o contrato acaba criando um vínculo, às vezes elas me ligam pra conversar, pra saber como eu tô, pra falar da vida delas...Semana passada aconteceu de novo.. E às vezes, uma vez por semana, eu tenho que falar com alguma cliente, para ver como elas estão. Pra ver se elas querem alguma coisa. Aí tu fala com tua cliente: “como que tu tá? Tu vai dançar hoje?” Sempre tem que estar ligando para ela pra ver como ela tá. E às vezes elas estão estressadas com o filho ou com alguma coisa... o neto, alguma coisa... Elas te ligam para conversar. E às vezes num baile tu vai conversar e não só para dançar, vai muito para conversar com elas, sobre a vida delas... tipo um psicólogo...mas que dança...elas ligam, mandam mensagem no face ou no Instagram, se fica duas semanas sem falar, tem cliente que liga pra saber o que aconteceu, se está tudo bem... se eu vou viajar, tenho que avisar elas...

**MW:** Cria um vínculo?

**SGVP:** Sim, sim! Eu tenho um grupo das gurias que é o meu grupo de dança, que esses dias fui viajar. Ah, foi uma briga. Eu não fui na aula para dar aula e no outro dia estavam bravas comigo.

**MW:** São elas que te contratam?

**SGVP:** Não, outro grupo, elas são minhas alunas de dança, que a associação me contrata para dar aulas. As que me contratam são as aposentadas que ganham bem, se aposentaram bem, que tem o final de semana pra aproveitar, passam a semana toda fazendo coisas com os netos e tiram o final de semana pra se divertir dançando, às vezes durante a semana também, mas agora eu não trabalho dia de semana, antigamente eu fazia, quando tinha mais demanda, quando tinha uma oitava na semana dava pra fazer, agora só uma ou duas não dá. Tem menos baile agora também. O baile é diferente né, mais organizado, elas se arrumam, usam salto alto, vestido brilhoso, maquiagem, arrumam o cabelo, vão no salão de beleza...

**MW:** Então a pandemia afetou muito esse trabalho, né?

**SGVP:** Bah, foi assim pro zero. Agora que tá retomando, começando a voltar. Antes era todo final de semana e alguns dias na semana, sempre tinha, agora só final de semana, mas nem todos.. Algumas param de dançar, além de ter bem menos bailes acontecendo... mas agora está voltando, devagar...

**MW:** Te agradeço muito pela disponibilidade de participar da entrevista. Muito obrigada.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA FISIOTERAPIA E DANÇA  
LICENCIATURA EM DANÇA**

**PROJETO ARANDÚ HISTÓRIA E MEMÓRIA DA DANÇA**

**RICARDO BICLER BORCK  
(depoimento)**

**2023**

**FICHA TÉCNICA**

**Projeto:** ARANDÚ História e Memória da Dança

**Número da entrevista:**

**Entrevistado:** Ricardo Bichler Borck

**Nascimento:** 16/11/1988

**Local da entrevista:** Residência do entrevistado

**Entrevistador/a:** Mariana Wolffenbuttel

**Data da entrevista:** 29/11/2023

**Transcrição:** Mariana Wolffenbuttel

**Copidesque:** Mariana Wolffenbuttel

**Pesquisa:** Mariana Wolffenbuttel

**Total de gravação:** 19min57s

**Páginas Digitadas:** 6

**Observações:**

O Projeto ARANDÚ está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Porto Alegre, 29 de Novembro de 2023. Entrevista com Ricardo Bichler Borck a cargo da pesquisadora Mariana Wolffenbuttel, para o Projeto ARANDÚ História e Memória da Dança. Local: Residência do entrevistado.

**MW:** Eu gostaria de saber o seu nome completo.

**RBB:** Eu me chamo Ricardo Bichler Borck

**MW:** Qual sua data de nascimento?

**RBB:** 16 de 11 de 1988.

**MW:** Qual sua cidade de nascimento?

**RBB:** São Lourenço.

**MW:** E reside agora?

**RBB:** Em Porto Alegre.

**MW:** Estado civil?

**RBB:** Solteiro.

**MW:** Tem filhos?

**RBB:** Não.

**MW:** E qual a tua formação profissional e atuação profissional?

**RBB:** A minha formação é segundo grau completo e minha atuação profissional é agente de correios. Sou carteiro. E também por fora eu faço trabalhos com dança, dando aulas de dança e também taxi-dancer<sup>14</sup>.

**MW:** E como tu começou na dança de salão?

**RBB:** Eu comecei em dezembro de 2015, quando me inscrevi num clube social, o Brilhantinos, lá em Pelotas. Onde eu tinha várias coisas pra me fazer, natação, tinha musculação, tinha... outras coisas para fazer lá e incluso a dança de salão e foi aí que foi o momento onde eu não tinha muito norte para o que fazer na minha vida não estava estudando, só estava trabalhando, estava com muito tempo de folga e queria, vou fazer, quero ver o que é fazer parte de um clube e é ali que eu encontrei a dança de salão que era sábados às 9 horas da manhã. Todo sábado, às nove horas da manhã.

**MW:** E tu dá aula de dança? Há quanto tempo?

**RBB:** Olha, pode-se dizer há um ano e meio. Comecei com a Beloni<sup>15</sup>, que acho que eu te citei. E sim, há um ano e meio.

**MW:** E o que que você poderia falar sobre o surgimento dessa prática do contrato de dança?

**RBB:** Bom, eu estimo que essa prática de dança foi devido à demanda, onde na dança de salão, a porcentagem de pessoas que são seguidoras, no caso, e a maioria, noventa e poucos por cento são as mulheres, com a pouca demanda de cavalheiros, pode-se dizer que é os condutores. Então, as mulheres queriam bailar, só que elas ficavam sem bailar. Logo, houve esse mercado onde, eu creio, começou com monitorias. Pessoas de escolas de dança, que eram monitores, começaram a ir para as festas, começaram a ser requisitados para bailar. E, por exemplo, no meu caso surgiu da própria cliente. Onde ela: “ah, tu não quer ir comigo no baile e eu te pago pra te dançar comigo?” Então, eu acho que foi isso devido à demanda. Então, a desproporcionalidade de condutores e conduzidas.

**MW:** E como que chegou até ti, né? Como que tu te inseriu nessa prática?

**RBB:** Pelo Robson Porto<sup>16</sup>. Lá em Pelotas, lá por 2016, num local de dança chamado Arco Balena, que era uma boate para gente de maior idade, pode-se dizer, e que é voltada para a dança. E aí tinha três cavaleiros que faziam os táxi-dancers naquela região e o Robson Porto, que era o mais antigo dali, tava querendo sair pra fazer outras coisas e eu era aluno dele numa escola de dança, ele me sugeriu: “olha, tô saindo, não quer pegar minha vaga?” e eu fui lá e aceitei, fiquei na vaga dele por... 5 ou 6 sextas, eu fui na vaga dele, até que eles me dispensarem.

**MW:** E como era a remuneração, regularidade de contrato?

**RBB:** Olha, é muito boca a boca. Tem uma remuneração Tipo, mediana pra boa. Nunca considerei que fosse uma coisa muito mixaria. E quando tu entra numa boate dessas, que é de dança, eles acham que... eles têm uma ideia na cabeça onde que dançar não é tão cansativo. Então eles acham que tu pode ficar dançando quatro horas direto, sabe? Descansar dez minutinhos. e volta, como se caminhar quatro horas não fosse uma coisa difícil, uma coisa cansativa. Mas dançar, já não. Então,

<sup>14</sup> Outro termo para personal dancer

<sup>15</sup> Beloni Teresinha Mai, contratante, participou das entrevistas: E08

<sup>16</sup> Professor de dança de salão, participou das entrevistas: E01

eles têm isso: “Ah, dançar, bota quatro horas aí”. Então, era uma coisa de pegar as dez, sair as duas e ter uns dez minutos de descanso. Na balena, o que eu me lembro era assim. Uma vez por semana, quatro horas. Ganhava 80 reais. Isso em 2017. E tu tirava... tu chegava, avisava que chegou ia lá e ficava dançando ficava cuidando as mesas pra ver se já tinha dançado com aquela pessoa, indo na mesa convidando as pessoas pra dançar dançando uma, não dançando mais que uma pra não dizer que eram outras intenções, esse tipo de coisa esse cuidado que eles queriam, e no final às duas horas podia ir ali no caixa pegar os 80 reais em dinheiro vivo e ir pra casa sem nenhum auxílio de táxi, nem nada. Era uma coisa de tudo incluso, 80 reais, era assim.

**MW:** E nos contratos diretos? Individuais?

**RBB:** Individuais? Eu fiz um contrato com a Beloni<sup>2</sup>. É, essa que eu já tô mencionando aí umas três vezes e foi aqui em Porto Alegre já faz uns 2, 3 meses atrás não me lembro direito e esse contrato foi uma coisa muito da minha parte de regulamentar onde ela aceitou assim de pronto, mas depois eu vi que era muito cansativo eu tinha perdido a noção de de quanto tempo, quanto cansativo era pois eu sugeri 4 horas pagando 100 reais. E depois fui conversar com outros da antiga, como o Pablo<sup>17</sup>, que já foi. Ele sugeriu, não, esse tá muito pouco. Tem que ser uma hora, 150 reais o preço. Uma hora. Então eu sugeri quatro horas, 100 reais, porque ela já é minha aluna também, há um tempo, e eu queria entrar nesse mercado aqui em Porto Alegre pra ver como era. E, sim, eu percebi que não é só a questão cansativo físico, que é isso, às vezes até consegue aguentar, mas é a questão mental mesmo, de encher o saco, dançar quatro horas com uma pessoa que às vezes é limitada, dancisticamente, e falta de equilíbrio, falta de tudo, sabe? E cansa, cansa no sentido de também lesões, assim, Ah, eu também fazia táxi-dancers de uma maneira livre. Aí eu já convidava as minhas senhoras. Eu já saía fora desse patamar de taxi-dancers.

**MW:** E já fez contrato ou já viu mais de uma pessoa no mesmo contrato?

**RBB:** E contrata sim, sim, isso eu via direto e eu vejo direto em Buenos Aires agora na minha última viagem que eu fiz fui em milongas onde só tinha praticamente eu que não era contratado.

**MW:** Contratado pelas mulheres ou pelo organizador do baile?

**RBB:** Pelas mulheres, não vi baile. E também aqui em Porto Alegre, sim, já vi professores de dança, onde as alunas contratam ele e ele fica revezando.

**MW:** E quais as etiquetas que tu vê no contrato?

**RBB:** Pré-Implícito, assim... Tipo, ter noção, assim, de onde a gente tá indo... Não é que a pessoa te impõe coisas assim, mas tu já tem uma noção de... Se ela te convida pra ir pra um baile de uma milonga, tu não vai de short, tá bom? Tu vai como se estivesse indo pro trabalho de uma maneira mais formal, formal esportivo, assim, melhor que esportivo. Um esportivo... formal, acho que existe isso.

**MW:** E que tipos de bailes geralmente são esses?

**RBB:** Milongas de tango, esse tipo de baile. Os que eu já vi, bolero, milongas que tocava bolero, que tocava tango, os que eu sei.

**MW:** Baile de terceira idade, aqueles bailes de jantar, baile?

**RBB:** É onde eles estão, onde os taxi-dancer estão, todos, sabe? Sim, é vários da terceira idade, praticamente. É, praticamente não, mas é vários... Geralmente, 80% quem contrata é gente de mais de 60 anos.

**MW:** Tem algum perfil, das contratadas?

**RBB:** Olha, um perfil de... É uma pessoa acima de 60 anos e que não dança tão bem. Que tem uma certa limitação de dança.

**MW:** E vocês têm algum tipo de organização? Um grupo de WhatsApp? Alguma coisa assim?

**RBB:** Algum grupo? Eu nunca participei.

**MW:** O que que tu percebe de mudança nos bailes de modo geral?

**RBB:** Eu vou puxar assim, essa milonga que eu fui lá em Buenos Aires, a milonga Marabu, que é uma milonga bem tradicional, talvez a mais tradicional lá de Buenos Aires, onde várias orquestras de tango se estreadam lá, porque é muito antiga, né? E o que eu percebi foi que era uma milonga onde todo mundo se conecta, pessoas diferentes se conectam, né? Aquele tipo de milonga era uma coisa muito... Aquele grupinho, aquele grupinho, aquele grupinho, sabe? Como se não tivessem... as pessoas não tivessem... querendo se comunicar com os outros ao lado. Porque era assim, um cara tava ali, E ao redor da mesa dele tinha três estrangeiras. Essas três estrangeiras, acima de 60 anos, americanas principalmente, pagavam em dólar pra ele e ele ia revezando, sabe? Tipo, bailava com aquela ali, bailava com a outra, sabe?

**MW:** Então ela só dançava com ele também?

---

<sup>17</sup> Professor de tango em Porto Alegre, já atuou como contratado.

**RBB:** Só dançava com ele. Só tinha uma intenção de dançar com ele. Tanto que não prestava atenção no baile, assim. Volta e meia, assim, eles tinham um tempo de descanso, quando ele parava e ia ali pra rua, assim, e daí um senhorzinho ia lá e tirava ela pra dançar. Ou até eu ia lá tirar pra dançar, entendeu? Eles dançavam. mas a ideia delas é assim, é ir já acompanhado com o dançarino tanto que tu consegue ver assim, a discrepância de idade, assim aí tu já sabe que a pessoa tá indo com o dançarino.

**MW:** Tu imagina que isso aconteceria por aqui também, que isso é algo que percebe-se já uma progressão desse tipo de situação aqui?

**RBB:** Isso é uma coisa já cultural nos bailes da terceira idade, nos Gondoleiros<sup>18</sup>, tem mais uns dois aqui na região que não me lembro o nome. Bailes tradicionais de dança gaúcha isso não existe. Eu acho que não é assim que funciona. Mas esses bailes que não é mais povão, que não é tão povão, mas é mais pessoas de idade querendo dançar, isso já é uma coisa cultural. O que apareceu no meu meio, que é a milonga, e sim, cada vez mais os professores e um Alemão<sup>19</sup> da vida estão indo somente com uma pessoa pra dançar, em bailes onde... Elas já estão se dando conta que a dança que os outros senhores oferecem, já é muito fraca. Não oferecem muita coisa. Então elas também já estão indo atrás de querer uma coisa, dançar realmente. Pelo menos na música, sabe? Porque tem muitos dançarinos, muitas pessoas que vão, que nem se proporcionam dançar na música, sabe? Dançam qualquer coisa e vão embora. Não treinam. Às vezes eu, não querendo discriminar Porto Alegre, mas às vezes eu vejo aqui em Porto Alegre parece que as pessoas não treinam. Não acham que é necessário treinar pra ir num baile. Só acham. E sim, nesse sentido, na milonga sim. No forró eu não vejo. Nunca vi. Nunca vi nem taxi-dancer, nada. A menos que estava... era um professor que foi lá e dançou.

**MW:** E já conheceu alguma mulher que fizesse o contrato?

**RBB:** Sim. Mora aqui perto. Aqui em cima. A Débora Carminatti, professora de dança. E ela me relatou uma situação, não entrou em detalhes assim, mas que ela achou que a pessoa queria realmente dançar, só que era um senhor, assim, de México, e ele começou a muito galantear ela, assim, sabe? tipo, não chegar ao ponto de fazer um assédio sexual, mas a galantear o ponto de, sabe: “eu estou com elas”, sabe, tipo, “te pago aqui uma champanhe”, tipo, trovando, sabe? E ela estava querendo só trabalhar. Então, isso aconteceu lá em Buenos Aires há um tempo.

**MW:** Quem contrata, daí são homens só? Ou outras, você já viu alguma mulher que contrata uma outra mulher pra levar?

**RBB:** Não, isso eu nunca vi. Ah... e voltando lá em Buenos Aires tem uma pessoa que te liga e conecta com taxi-dancers. Ah, eu quero taxi-dancer. Tu liga pra aquela pessoa, aquela pessoa te conecta com um. Então tu não precisa ir acompanhada. É, isso aí tem. Eles oferecem, sabe? Tipo, isso tu encontra em revistas de tango, sabe? Tá lá. Lugares onde tem classes de tango elas oferecem isso. Eles botam muito aqueles papezinhos com o contato que tu arranca. Eles têm isso lá.

**MW:** E tu já passou por alguma situação inusitada? de um contrato de dança que quisesse compartilhar?

**RBB:** Vamos ver. Lá nos tempos de Arco e Balena, de Pelotas, tinha uma mulher que não era senhora ainda, mas que ela... eu me sentia tratado como se fosse um gigolô. tipo, onde ela delimitava quando ela ia dançar comigo e... e também ela ficava dando tiradas, assim, tipo... coisas meio duplo sentido, assim, sabe? Isso aí aconteceu? É, comigo sim. Comigo é... isso aí. É. Nada, num como táxi-dancer.

**MW:** Então tá, acho que é isso das minhas perguntas. Muito obrigada.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA FISIOTERAPIA E DANÇA  
LICENCIATURA EM DANÇA**

**PROJETO ARANDÚ HISTÓRIA E MEMÓRIA DA DANÇA**

**IARA CAPAIGLIONE CARPES  
(depoimento)**

**2023**

---

<sup>18</sup> Clube social em Porto Alegre, promove bailes

<sup>19</sup> Sidnei, foi entrevistado para esse trabalho: E03

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** ARANDÚ História e Memória da Dança  
**Número da entrevista:**  
**Entrevistado:** Iara Capaiglione Carpes  
**Nascimento:** 30/03/1947  
**Local da entrevista:** residência da entrevistada (online, por vídeo chamada)  
**Entrevistador/a:** Mariana Wolffenbuttel  
**Data da entrevista:** 20/11/2023  
**Transcrição:** Mariana Wolffenbuttel  
**Copidesque:** Mariana Wolffenbuttel  
**Pesquisa:** Mariana Wolffenbuttel  
**Total de gravação:** 15min06s  
**Páginas Digitadas:** 5  
**Observações:**

O Projeto ARANDÚ está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Porto Alegre, 20 de Novembro de 2023. Entrevista com Iara Capaiglione Carpes a cargo da pesquisadora Mariana Wolffenbuttel, para o Projeto ARANDÚ História e Memória da Dança. Local: residência do entrevistado (online, por vídeo chamada)

**MW:** Eu gostaria de saber o seu nome completo.

**ICC:** Eu me chamo Iara Capaiglione Carpes.

**MW:** Qual sua data de nascimento?

**ICC:** 30/03/1947

**MW:** Você é natural de onde?

**ICC:** Aqui de Porto Alegre

**MW:** E onde você reside atualmente?

**ICC:** Porto Alegre

**MW:** Qual seu estado civil? Você tem filhos?

**ICC:** Viúva, tenho 2 filhas e 4 netos.

**MW:** Qual a sua atuação e formação profissional?

**ICC:** Eu sou formada em direito, mas exerci a função de funcionária pública, não como advogada. Hoje eu tô aposentada, claro.

**M.W:** E como é que tu começou na dança de salão? Tu faz aulas de dança de salão? Ou fez aulas?

**ICC:** Assim, eu era muito... Eu não fazia nada. Ficava em casa, apesar de gostar muito de rua, muito de dançar, mas acomodada. E aí uma amiga me convidou para fazer dança de ritmos. Nesse local, eu conheci uma outra pessoa que me apresentou quem é hoje meu professor de dança. Dança de salão e tango.

**MW:** Isso foi quando?

**ICC:** Vai fazer quase dois anos. E de lá pra cá, eu ia fazer as aulas com ele, claro. E comecei a ir nos bailes com ele, meu professor e ele começou a me apresentar a outros dançarinos. Eu só vou à baile acompanhada e se for indicada pelo Jairo<sup>20</sup>, ou pelo Sid<sup>21</sup>, ou seja, o Jairo indicou o Sid, o Sid pode indicar mais alguém, sei que são pessoas de confiança. E de lá pra cá, eu danço praticamente todos os dias. É aula ou baile.

**MW:** Isso foi depois da pandemia então?

**ICC:** Foi depois da pandemia. Em março ou abril vai fazer 2 anos.

**MW:** E o que você poderia me falar sobre o surgimento dessa prática? De contratar parceiros de dança?

**ICC:** Imagina uma mulher de 76 anos que na época da juventude, só podia ir nos bailes acompanhada dos pais e hoje essa mulher paga um homem para dançar com ela. No início eu achei horrível. Horrível. Meu Deus do céu, o que é isso? Que decadência. Hoje eu vejo com outros olhos,

<sup>20</sup> Professor de Tango e dança de salão em Porto Alegre

<sup>21</sup> Sidnei, trabalha também como personal dancer, participou dessa pesquisa: E03

que coisa boa que eu pago, além de pagar, eu estou ajudando alguém e estou fazendo uma coisa muito boa, não só para o corpo, como para a mente. Acho sensacional. E pretendo continuar assim, enquanto tiver saúde, eu vou continuar contratando.

**MW:** E como é que foi o seu primeiro contrato? Tu lembra da primeira vez que você foi num baile acompanhada, como foi isso?

**ICC:** Assim ó, no primeiro baile que eu fui, foi com o meu professor, foi onde eu conheci ele. Eu primeiro conheci ele como dançarino. E hoje, quando eu comento com ele, eu me mato rindo, porque assim, ele me esperou dentro do salão. Quando eu entrei, eu tinha vontade de me esconder debaixo da primeira mesa. Que absurdo o que eu estou fazendo? Que coisa ridícula? Eu pagando um homem? Sabe essa história? Foi a melhor coisa que eu fiz na minha vida. Uma das melhores coisas que eu fiz na minha vida foi isso. Que hoje, além de ser meu professor e me acompanhar nos bailes, é o meu amigo. Só tive lucros nessa história toda. E com essa história de pagar os rapazes, de contratar, tu vai fazendo muita amizade. Muita amizade. E é muito bom. Aconselho para todo mundo.

**MW:** E como funciona? Vocês combinam o valor antes, o horário?

**ICC:** A gente combina tudo antes. O horário, se pega em casa, se se encontra no local, combina o valor. Aqui em Porto Alegre eles costumam dançar no mínimo 3 horas. No mínimo e no máximo, porque eles dizem que depois de 3 horas fica cansativo. Então a gente aqui, com todos que eu dancei, foram 3 horas. Mas é tudo combinadinho antes.

**MW:** E o valor do contrato?

**ICC:** O valor varia, mas pouca coisa. Entre 250 a 300 reais, o baile, as 3 horas.

**M.W:** E que tipo de baile que tu frequenta? Quais são os tipos de baile? É baile em clube, jantar dançante?

**ICC:** Geralmente é em clubes. A gente vai principalmente no Zequinha<sup>22</sup> e nos Gondoleiros<sup>23</sup>. tem um espaço bom pra dançar, o piso é bom e a gente já tá nessa de selecionar o lugar que vai conforme a banda que vai tocar então a gente também escolhe pela banda e tem as milongas, que são os bailes de tango que a gente vai também. Os bailes de tango geralmente são nas escolas de tango ou de espaços alugados para o tango, para o baile.

**MW:** E tu tem algum grupo de amigas assim que vocês contratam junto ou tu só contrata individual?

**ICC:** Eu gosto de contratar individual. Eu não gosto de dividir. Às vezes eu divido até, mas não gosto, porque assim ó, a música que eu queria dançar, tá dançando com outra. Então, não. Prefiro o individual, que fica muito melhor. Mas não sou egoísta. Não sou egoísta a ponto de não dividir de vez em quando.

**MW:** E tu frequentava bailes antes ou começou a frequentar baile quando já começou a contratar?

**ICC:** Eu frequentei baile na minha adolescência. Aí eu casei e o marido não gostava muito de dançar, não fui mais a baile. E aí eu fiquei viúva, “que feio, uma viúva ir no baile” e tudo mais. Sabe aquelas coisas de antigamente? Então não fui mais.... Morri pro mundo...Estou ressurgindo agora.

**MW:** E como que tu enxerga essa mudança, antes as mulheres iam pro baile, esperavam ser chamadas para dançar, cansadas da espera começaram então a contratar. Que mudanças você percebe, nos comportamentos e nas interações nos bailes?

**ICC:** Assim ó, o que eu percebo... na minha época era tudo muito formal. Na época, pra olhar pra um rapaz, era tudo muito sutilmente, a gente louca pra dançar com aquele cara, sabe? Fingia que nem tava vendo. Hoje, não. Hoje a mulher tem outra cabeça. Eu tô falando do lado feminino, tá? As mulheres hoje têm outra cabeça, outro comportamento. Elas vão para o baile para dançar e para se divertir. Eu vejo assim que a gente costuma... Então, ontem, eu fui com outro dançarino e nós estávamos comentando que isso acaba sendo uma família, que todo mundo vai no mesmo baile. Então, a gente conhece todo mundo, sabe? Aí todo mundo dança, todo mundo se diverte, todo mundo se abraça. É muito legal. Então, assim, ó, me liberou. A gente hoje tá muito mais livre, a gente, hoje, tá muito mais determinada, a gente hoje tá muito mais valente. A gente tá encarando... a gente tá encarando o seguinte, assim, ó. Vamos viver a vida que tá passando. E é isso que a gente tá fazendo. Não só pra mim, porque eu vejo que, assim, vai muita mulher na minha idade. Um pouco menos, eu talvez seja a mais velha dos bailes, né? Mas todas, assim, com muita alegria de viver, muita alegria de dançar, de participar. Porque antigamente não se fazia mais. Antigamente, no meu tempo, a gente ia pra baile pra arrumar marido. Hoje é diferente. Claro, se aparecer um marido interessante, quem sabe?

**MW:** E tu já conhecia alguma mulher que fizesse contrato? Que acompanhasse pra dançar?

**ICC:** Não. Não. Sempre homens, né? Sempre, sempre homens. Interessante isso ali mesmo. Vou comentar com o meu professor. Nunca me chamou atenção, realmente. Por que não, né?

---

<sup>22</sup> Esporte Clube São José é um clube social em Porto Alegre, promove bailes entre outros eventos.

<sup>23</sup> O Gondoleiros é um clube social e recreativo, promove bailes de dança

**MW:** E tu já passou por alguma situação inusitada nos bailes? Gostaria de compartilhar alguma coisa interessante?

**ICC:** Não, assim, eu passei por uma situação que eu não vou contar detalhe, mas uma situação bem constrangedora, não com um profissional da dança. Por isso que eu não vou se eu não tenho um contratado. Porque todos eles, já contratei vários, todos muito profissionais, todos com muito respeito, todos com muita alegria, e eu dancei meia música com um não profissional e tive que voltar pra mesa. Mas eu nem contava o que acontecia, porque tu deve imaginar. Então, assim, foi uma coisa constrangedora, um homem da minha idade. E que me fez mal conseguir reagir tranquilamente, sem escândalo, mas a vontade era dar um pontapé na canela. Mas foi a única situação assim. Sempre, sempre, muito respeito. Inclusive, assim, ó, casais que vão, tem marido de uma que me abraça, assim, tudo numa boa, tudo numa boa. Então só teve essa situação. E pior, eu acho que foi o primeiro baile que eu fui.

**MW:** Que bom que não atrapalhou, né? Que seguiu com as outras experiências positivas da dança.

**ICC:** Sim...Um detalhe, eu parei de fumar há 10 anos e engordei uns 10 kg. Nunca fiz dieta, já me tiraram o cigarro, não vão me tirar a comida... tudo bem. Comecei a dançar, já perdi 6 quilos. Então assim, é pro corpo e pra cabeça. Assim, eu tô dançando, eu não sei se eu tenho problema, se eu tenho preocupação, se eu tenho dinheiro. Eu tô dançando, eu tô me divertindo. Eu brinco com o meu professor. Eu brinco, mas é verdade. Eu digo, não é só meu corpo que dança, é a minha alma também. Eu vivo aquilo ali, eu vibro com aquilo ali. Então, só faz bem, é só benefício.

**MW:** E nos bailes, costuma te arrumar, botar roupa mais formal? maquiagem, cabelo?

**ICC:** Meu professor, ele vai...de terno, gravata, colete, tudo que tem direito, sabe? E eu vou vestida de acordo com o meu par. Então, eu sempre vou com roupa mais viva, mais de baile da minha idade, da minha geração, sabe? Uma roupa mais cheia de enfeite, com movimento pra dançar, vai aparecer o movimento. Sapato especial pra dançar. Todos os cuidados aí eu tenho.

**MW:** Então era isso, muito obrigada pela disponibilidade.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA FISIOTERAPIA E DANÇA  
LICENCIATURA EM DANÇA**

**PROJETO ARANDÚ HISTÓRIA E MEMÓRIA DA DANÇA**

**RAQUEL OLIVEIRA PASSOS  
(depoimento)**

**2023**

**FICHA TÉCNICA**

**Projeto:** ARANDÚ História e Memória da Dança

**Número da entrevista:**

**Entrevistado:** Raquel Oliveira Passos

**Nascimento:** 15/02/1958

**Local da entrevista:** residência da entrevistada (online, por vídeo chamada)

**Entrevistador/a:** Mariana Wolffenbuttel

**Data da entrevista:** 22/11/2023

**Transcrição:** Mariana Wolffenbuttel

**Copidesque:** Mariana Wolffenbuttel

**Pesquisa:** Mariana Wolffenbuttel

**Total de gravação:** 19min49s

**Páginas Digitadas:** 6

**Observações:**

O Projeto ARANDÚ está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Porto Alegre, 22 de Novembro de 2023. Entrevista com Raquel Oliveira Passos a cargo da pesquisadora Mariana Wolffenbuttel, para o Projeto ARANDÚ História e Memória da Dança. Local: residência do entrevistado (online, por vídeo chamada)

**MW:** Eu gostaria de saber o seu nome completo.

**ROP:** Raquel Oliveira Passos

**MW:** Qual sua data de nascimento?

**ROP:** 16/02/1958

**MW:** Você é natural de onde?

**ROP::** De Porto Alegre

**MW:** E onde você reside atualmente?

**ROP::** Porto Alegre

**MW:** Qual seu estado civil? Você tem filhos?

**ROP::** Solteira, não tenho filhos.

**MW:** Qual a sua atuação e formação profissional?

**ROP:** Sou técnica de enfermagem.

**MW:** E como começou na dança de salão? Tu faz aula de dança de salão?

**ROP:** Eu faço aula de dança de salão, poucas, né? Mas eu faço mais de tango. E fandango também, a nossa dança gaúcha.

**MW:** E como que tu começou nas danças? Conta um pouquinho da tua história.

**ROP:** Eu tenho agora.. agora estou com 65 anos, né? Sempre quis dançar, mas eu não tenho parceiro, né? Então quando chegou, tipo, os 50, aí eu comecei... Eu sempre quis dançar, sempre quis, aí eu comecei a ir nos fandangos e comecei a dançar. Porque eu acho que quando eu ficar, tipo, com 70, eu tenho que ter alguma coisa, né? Pra eu viver na minha vida. Sem o trabalho, que eu vou parar de trabalhar daqui uns três anos, vou ficar nesse mundo de dança, de passeios, para não ficar dentro de casa também, né? Porque se a gente não inventar alguma coisa, depois vai ficar dentro de casa, né?

**MW:** E quanto tempo faz que tu tá na dança?

**ROP:** Faz oito anos.

**MW:** E faz aula regular de dança?

**ROP:** Eu faço particular, eu faço aula no Valentim<sup>24</sup>, no grupo, né? Nos sábados, ou sábado e segunda-feira. E sempre que der, eu tô indo.

**MW:** Acho que já devo ter te visto então nas milongas lá.

**ROP:** Sim, de vez em quando eu vou nas milongas. Eu não vou muito nas milongas, vou mais na prática, né? Porque ô dancinha difícil é o tango, né?

**MW:** O que que tu poderia me falar sobre o surgimento dessa prática de contratar pares para acompanhar nos bailes? Como você começou com essa prática?

**ROP:** Na verdade, eu muito pouco contratei. Eu acho, assim, muito bom, sabe? Porque eu acho melhor a gente ter alguém pra dançar do que ficar lá que nem, tipo, besta, né? Então, quando eu peço pra alguém ir é através do Valentim. Com pessoas conhecidas. Eu falo com ele pra ele arrumar alguém pra me dançar comigo, alguma coisa assim, né? Porque eu por mim mesmo, conheço várias pessoas, mas não sei quem é, se é gente boa. Porque às vezes tem um cara aí que não vale a pena, né? Então o que que eu faço? Quando eu tô afim de arrumar alguém pra dançar, eu falo com o Valentim, ou falo com outro professor, Então eu peço para eles uma indicação.

**MW:** Sempre por indicação?

**ROP:** Exatamente, por indicação.:

**MW:** E quando que tu começou? Qual foi a primeira vez que tu contratou?

**ROP:** Na verdade eu contratei acho que umas duas vezes só. Não contratei muito. Sabe, eu tinha uma ideia assim, na minha na minha mente, de que a gente tivesse um grupo com várias pessoas contratadas, e vamos supor, eu e tu, a gente contrataria cinco rapazes para dançar com 15 mulheres na noite sabe. Eu acho legal saber, ter mais diversidade, ir trocando os pares. Porque, geralmente, se a gente não tiver um conhecimento, a gente vai ficar sozinha, né?

**MW:** E como tu ficou sabendo dessa prática? Como chegou até ti?

**ROP:** Por outras colegas minhas que vão dançar, né? Eu já tive várias vezes em congressos de dança, já fui, já soube que as pessoas contratavam lá também.

**MW:** Ah, já viu pessoas acompanhadas no congresso?

**ROP:** Sim, várias vezes já vi. Até às vezes a gente diz: “bah, mas como assim?” “Não... São contratados, né?” “Ela contratou... Uma velha de 70 com um rapaz de 25”, vamos supor. “Como

---

<sup>24</sup> Valentin Cruz, professor de tango e proprietário da Tanguera Estudio de Dança

assim?” “Não, isso aí é só para dançar!” Eu acho legal, sabe? Eu acho que é uma coisa assim... É melhor a gente chegar num lugar, se divertir. Como eu sou solteirona, né? Então, eu acho que é muito melhor a gente fazer isso do que como eu te disse, é muita mulher, em todas as áreas. É muita mulher. Então geralmente tem 15 homens e tem 50 mulheres. Na dança de salão também. No Fandango é bem mais difícil. No Fandango, ele é muito fechado. Eles têm muita essa de gaúcho, de isso de aquilo. Então, eles são muito fechados. Então, geralmente, cada um com o seu par e é aquilo ali. Tanto que não troca de par, né? Não tem troca de casal, não tem nada. Não é que nem no tango e na dança de salão, que tu vai lá, tem três ou quatro monitores pra dançar contigo. No Fandango, não é assim. No Fandango, tu leva teu par. Principalmente CTG, né? CTG é assim. Eu, pra aprender a dançar fandango, eu comecei indo sozinha. Fui num que era aberto, né? Onde tu podia dançar mulher com mulher. Com amigas, assim, né? Se juntar ali e tal. Aí depois que eu comecei a aprender, comecei a conhecer. Aí que eu arrumei um par pra mim e comecei a dançar. Hoje eu danço bem fandango.

**MW:** E como funciona o contrato? Costuma combinar antes o valor, a duração?

**ROP:** É, eu com aquele rapaz que eu fiz, que eu fui com ele, eu pedi pro Valentim, perguntei se ele conhecia alguém, né? Pra fazer comigo a dança, pra gente dançar. Ele arrumou ele lá, né? Como é que é o nome dele?

**MW:** É o Lucas.

**ROP:** É o Lucas<sup>25</sup>. Ele é super gente boa. Ele é uma pessoa querida, sabe? Que deixa a gente à vontade. Eu fiquei à vontade com ele. E ele é... acho que ele é professor também, né? Porque ele dança exatamente aquilo que ele vê que a gente pode fazer, tá? Porque eu no tango sou bem ruim ainda, né? Apesar de estar 5 anos. Agora faz 4 meses que eu não vou. E eu nunca aprendi, legal... porque depois que tu aprende... é como andar de bicicleta, né... tu nunca mais esquece. Então, no caso, assim...eu falei com ele (que queria alguém pra contratar)... e ele pegou e disse para mim que tinha várias pessoas... até tem outro lá, o Alemão<sup>26</sup>... Mas eu gostei muito do Lucas, sabe? De dançar com ele. Achei ele uma pessoa bem sensata, bem... sabe? E também tem isso, né? Às vezes dependendo da pessoa, já não quero. Não, não. Esse eu não quero. Eu não conhecia o Lucas. Eu acho que eu já tinha visto ele, mas eu não me lembrava dele. E ele foi bem legal. Foi uma pessoa que eu gostei que quando for... eu chamo ele.

**MW:** Você falou desse grupo, você já fez isso de juntar amigas para contratar, dividir alguém de contrato?

**ROP:** Essa é uma ideia que eu acho que eu nunca tive coragem de falar para o Valentim, por exemplo, e nem em outro lugar, mas é uma coisa que eu tenho comigo. Vamos supor, se eu falasse com o Valentim, que o Valentim é uma pessoa que eu conheço bastante, né? Vamos supor que eu falasse com ele assim, ó, se eu arrumasse umas quatro mulheres, né? Ó, o Valentim, contrata três jovens pra, né, pra gente dançar, que a gente vai pagar. Eu acho que seria uma boa ideia.

**MW:** Eu conversando com alguns contratados, fiquei sabendo também que tem alguns que são contratados por mais de uma. Por exemplo, duas ou três amigas se juntam, e contratam o mesmo. Você já chegou a fazer alguma vez assim?

**ROP:** Não, não fiz ainda, mas é uma boa, porque também uma coisa que eu achei meio... que eu não achei legal, é que tu dança com uma pessoa uma hora, sabe? A milonga dura três horas. Se tu vai dançar com um cara uma hora, praticamente, claro que depois pode dançar com outros colegas, mas e se tu não dançar com ninguém? Vai ficar... E também às vezes tu pagar uma pessoa três horas não dá, né? E também eu acho que dançar direto uma hora não é legal.

**MW:** Legal variar um pouquinho, né?

**ROP:** Isso, variar e descansar e dar um tempo e curtir, né? E que a gente, vamos supor que eu tivesse três colegas minhas e a gente contratasse dois caras, eu achava legal. Eu entro nessa, sabe? Para mim não tem problema. Eu vou lá para me curtir... e como eu disse... eu não danço muito... aí é que você está sempre aprendendo também.

**MW:** Que tipos de bailes você frequenta?

**ROP:** Eu fui muito lá na Kirinos<sup>27</sup> também, né? Na Kirinos é dança de salão, né? Kirinus e Nunes. Não, eu nunca fui muito em muitos bailes, sabe? Até por causa disso, né? Porque a gente, quando é sozinha, quando tu não tem muito conhecimento, tu vai ficar de bobeira, né? E constrange a gente, né? Vamos combinar que tu vai no baile e não dançar nenhuma...tu volta detonada, né? É ou não é? É horrível.

---

<sup>25</sup> Lucas dos Santos, professor de dança de salão, foi contratado pela Raquel para acompanhá-la na milonga, foi pelo contato do Lucas que consegui o contato da Raquel

<sup>26</sup> Alemão é apelido do Sidnei, que também foi entrevistado para esse trabalho: E03

<sup>27</sup> Kirinus e Nunes, escola de Dança de Salão em Porto Alegre

**MW:** E tu frequentava bailes na tua juventude?

**ROP:** Não, porque eu nunca soube dançar.

**MW:** Sempre foi um desejo?

**ROP:** Exato. Passou 15, 16, 20, 25, 30... Aí quando eu tava ali com tipo 50, eu disse, não, agora eu vou. E já esperei mais um pouco, mais um pouco. Aí até que um dia eu disse, não... Porque eu tinha na minha cabeça que só tinha fandango pra dançar. Eu não tinha essas ideias, sabe? Aí dali eu fui pro tango e fui pra dança de salão também. Que eu adoro também. Bolero, né? Acho lindo. Bolero é uma dança maravilhosa que eu gosto muito. E tem várias outras que eu acho lindas. Mas, como eu te digo, como eu não tenho par para... nem muitos amigos, né? Porque os caras estão muito idiotas também, sabe? Os homens estão muito bestas, né? Eu acho. Eles estão muito, assim, muito... parece que eles estão muito sobrecarregados de mulher, né? Na volta deles. Então, é mais difícil. Chega num baile, geralmente, tu vai ver... é muita mulher. Até no CTG, né? Eu tenho um amigo meu que eu faço com ele dança de CTG. Mas ele já é um cara que eu conheço há anos, nós somos amigos. Mas também eu acho que tem que mudar, sabe? Você não pode ficar com um par, só. Mesmo que sejam casados, às vezes a gente tem que ir para um lugar e com um monte de amigos, porque senão você se habituou só com aquela pessoa.

**MW:** Antes as mulheres tinham que esperar o convite para dançar e agora não necessariamente, né? Tem as que convidam ou as que já levam o par contratado. O que poderia me falar sobre essas mudanças?

**ROP:** Eu vejo que hoje em dia a gente tira os caras para dançar, eu tiro. Os amigos, né? Colegas meus, amigos meus, conhecidos. Eu convido para dançar. Se eu vou lá na Tanguera<sup>28</sup>, tem, como eu disse, o Alemão. Tem mais uns caras lá que eu conheço, que foram monitores. Até mesmo o CTG. O CTG, nossa, tem um monte de coisa. Mas, hoje em dia, eu convido os caras para dançar. Eu vejo essa diferença, assim, dos tempos, né? Pra cá, uns 5, 6 anos, que elas convidam os caras pra dançar. E eles vão, né?

**MW:** E mulher também dançando, conduzindo, né? Já começando a conduzir os passos também...E tu já conheceu alguma mulher que fizesse contrato pra dança?

**ROP:** Não sei, não vi ainda. Mas deve ter, né? Um homem contratar uma mulher deve ter, né? Apesar de que só se o cara for muito ruim, né? Porque... Geralmente eles convidam. Só se o cara for perna de pau. A única dança que é muito complicada é o tango. Acho que até o homem que seja louco pelo tango, ele pode contratar uma mulher. Deve ter.

**MW:** E, bom, só pra finalizar, já passou por alguma situação mais inusitada, alguma coisa que tu queira compartilhar?

**ROP:** Uma coisa que eu tenho pra compartilhar, que eu digo, é as frescuras dos homens. Assim, os homens, eles... Eles são muito difíceis, eles são muito estufados, sabe? Eles são muito estufados e falta vontade de ajudar a gente. É o que eu sinto, no meu caso. Eu vejo que os caras não te ajudam a aprender a dançar. Se um cara me tira pra dançar, ele pode ser terrível, mas eu procuro dançar com ele, né? Ajudar ele, mas os homens não são assim, a maioria deles. Eu não queria falar, mas se tu não dança... se tu dança tu já tem que ser meio gostosa, se tu não for meio gostosa e não souber dançar, tá ralada. É, ou não é?

E agora eu vou começar de novo no tango, né? Dai vamos ver, né? E isso é meio caro também, porque que nem no Congresso... eu gostaria de ir e gostaria que alguém fosse comigo, sabe? Vai ter agora em janeiro, em Florianópolis. Eu gostaria, porque a gente aprende mais quando a gente tem alguém. Mas vamos ver como é que é.

**MW:** Então tá Raquel, muito obrigada pela participação.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA FISIOTERAPIA E DANÇA  
LICENCIATURA EM DANÇA**

**PROJETO ARANDÚ HISTÓRIA E MEMÓRIA DA DANÇA**

**TERESINHA MOREIRA  
(depoimento)**

**2023**

---

<sup>28</sup> Escola de Tango em Porto Alegre

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** ARANDÚ História e Memória da Dança  
**Número da entrevista:**  
**Entrevistado:** Teresinha Moreira  
**Nascimento:** 28/03/1956  
**Local da entrevista:** Escola de dança Arthur Murray Porto Alegre  
**Entrevistador/a:** Mariana Wolffenbuttel  
**Data da entrevista:** 23/11/2023  
**Transcrição:** Mariana Wolffenbuttel  
**Copidesque:** Mariana Wolffenbuttel  
**Pesquisa:** Mariana Wolffenbuttel  
**Total de gravação:** 8min01s  
**Páginas Digitadas:** 3  
**Observações:**

O Projeto ARANDÚ está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Porto Alegre, 23 de Novembro de 2023. Entrevista com Teresinha Moreira a cargo da pesquisadora Mariana Wolffenbuttel, para o Projeto ARANDÚ História e Memória da Dança. Local: Escola de dança Arthur Murray Porto Alegre

**MW:** Eu gostaria de saber o seu nome completo.

**TM:** Teresinha Moreira

**MW:** Qual sua data de nascimento?

**TM:** 28/03/1956. Tenho 67 anos.

**MW:** Você é natural de onde?

**ROP:** São Borja

**MW:** E onde você reside atualmente?

**TM:** Porto Alegre

**MW:** Qual seu estado civil? Você tem filhos?

**TM:** Solteira, tenho 1 filho.

**MW:** Qual a sua atuação e formação profissional?

**TM:** Eu sou formada em Direito, e fui para o Serviço Público, sou aposentada.

**MW:** E como tu começou na Dança do Salão?

**TM:** Eu comecei na Dança do Salão depois que eu me aposentei, eu ganhei um pacote de aulas de dança da escola Arthur Murray e comecei a fazer e continuei até hoje fazendo.

**MW:** Ganhou da escola?

**TM:** Não, ganhei da minha irmã que era aluna da escola. Ganhei de presente de aniversário.

**MW:** E tu faz aulas de dança?

**TM:** Faço aulas de dança.

**MW:** Qual a frequência?

**TM:** Eu estou fazendo agora, normalmente, duas vezes por semana, duas aulas por semana.

**MW:** E você faz aulas em mais de uma escola?

**TM:** No momento, estou fazendo só aqui. Já fiz em outras escolas. Já fiz aula de tango em outra escola, de samba em outra escola também, mas agora só faço aqui.

**MW:** E o que você poderia me falar do surgimento dessa prática de contratar bailarinos para acompanhar no baile?

**TM:** Bom, eu descobri essa prática, na verdade, aqui na escola, quando comecei a fazer aula. Descobri que existia esse tipo de trabalho. E aí achei interessante, porque quando tu vai nos bailes, normalmente tu não conhece ninguém, tu fica a maior parte do tempo parada, não dança. E umas duas vezes já contratei. Os professores daqui para dançar.

**MW:** E tu lembra da primeira vez que tu contactou? Como é que foi?

**TM:** A primeira vez eu fui, foi com um grupo de colegas, a gente foi assim em grupo, e a gente fazia rodízio para dançar e aí foi legal, a gente foi na Tangureira<sup>29</sup>, dançar tango, eu não sabia dançar tango, só um pouquinho. E depois fomos numa outra escola, né? Ciranda dos Ritmos<sup>30</sup>, que são ritmos variados, e daí a gente dançou. E foi bem legal, gostei bastante.

**MW:** E como funciona o contrato? Combina antes? valor, duração?

**TM:** A gente combina antes o valor, combina a duração, quanto tempo...se vamos fazer uma hora, duas horas.. Se vai só uma pessoa, se a gente se reveza. Normalmente, a gente contrata entre mais de uma aluna um professor.

**MW:** E que tipo de baile que vocês costumam ir?

**TM:** Depois da primeira vez que a gente foi, eu só fui em baile de milonga, em baile de tango que eu contratei.

**MW:** E tem algum grupo de amigas que vocês se combinam daí pra contratar? Tem um grupo de WhatsApp pra isso? Ou um grupo que vocês?

**TM:** Não, a gente normalmente faz aqui na escola. A gente combina com os colegas da escola, só.

**MW:** E tu costumava ir a bailes antigamente?

**TM:** Antigamente, antes de eu começar a fazer aula eu não ia porque eu não dançava, né? Na juventude eu morava no interior e eu ia nos bailes que eram fandangos, de fora. Quando eu era bem jovem, depois nunca mais fui. Quando eu cresci e virei adulta e comecei a trabalhar, comecei a dançar só depois de aposentada. Aí eu esqueci tudo que eu sabia dançar naquela época. Eu sabia dançar de aprender, como é que se diz? Aprender na prática só, sem aula.

**MW:** E que mudanças tu percebe nos bailes, a partir dessa prática do contrato?

**TM:** Eu percebo que houve uma mudança, sim, claro. Eu ainda tenho um pouco dessa coisa de ter o receio de convidar alguém pra dançar, mas até já fiz isso e não foi uma coisa difícil, assim. Eu vejo que muitas mulheres convidam os homens para dançar. Uma vez que foi no baile, na Kirinus<sup>31</sup>, eu estava com uma amiga que convidava todo mundo para dançar e eu entrei nessa, fui convidar alguém e fluiu, sabe? Foi legal. Eu acho que mudou bastante de uma época pra outra, porque antigamente nem se cogitava a fazer isso, né? Eu acho que hoje tá bem mais fácil

**MW:** E tu já conheceu alguma mulher que fizesse contrato, que fosse contratada pra dançar?

**TM:** Uma mulher que fosse contratada? Eu acho que sim, eu não tenho certeza. Posso te dizer? Eu acho que a Alana<sup>32</sup>, eu acho que já foi contratada. Ah, a Alana já foi, pode ser. Me parece que foi, pelo Daniel, pelo aluno aqui.

**MW:** E já passou por alguma situação inusitada? Alguma coisa que tu queira compartilhar?

**TM:** Acho que não...Foi normal, eu contratei meus professores na verdade da escola, e a gente dançou, foi tranquilo. Porque a gente vai, por exemplo, Se a gente vai nas milongas, por exemplo, se tu não tem uma pessoa conhecida, tu não dança, né? Se tu não convida ninguém pra dançar, tu fica a noite toda só olhando. Então por isso que a gente colocou esse hábito de contratar. Talvez até porque eu ainda não domine a dança, de repente pode ser, né?

**MW:** Muito obrigada pela participação Teresinha.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA FISIOTERAPIA E DANÇA  
LICENCIATURA EM DANÇA**

**PROJETO ARANDÚ HISTÓRIA E MEMÓRIA DA DANÇA**

**BELONI TEREZINHA MAI  
(depoimento)**

**2023**

**FICHA TÉCNICA**

---

<sup>29</sup> Escola de Tango em Porto Alegre

<sup>30</sup> Escola de Dança de Salão em Porto Alegre

<sup>31</sup> Kirinus e Nunes, Escola de Dança de Salão em Porto Alegre

<sup>32</sup> Alana Camargo era professora de dança de salão na escola Arthur Murray Porto Alegre

**Projeto:** ARANDÚ História e Memória da Dança  
**Número da entrevista:**  
**Entrevistado:** Beloni Terezinha Mai  
**Nascimento:** 30/03/1947  
**Local da entrevista:** residência da entrevistada (online, por vídeo chamada)  
**Entrevistador/a:** Mariana Wolffenbuttel  
**Data da entrevista:** 20/11/2023  
**Transcrição:** Mariana Wolffenbuttel  
**Copidesque:** Mariana Wolffenbuttel  
**Pesquisa:** Mariana Wolffenbuttel  
**Total de gravação:** 15min06s  
**Páginas Digitadas:** 5  
**Observações:**

O Projeto ARANDÚ está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Porto Alegre, 03 de Dezembro de 2023. Entrevista com Beloni Terezinha Mai a cargo da pesquisadora Mariana Wolffenbuttel, para o Projeto ARANDÚ História e Memória da Dança. Local: residência da entrevistada.

**MW:** Eu gostaria de saber o seu nome completo.

**BTM:** Beloni Terezinha Mai.

**MW:** Qual sua data de nascimento?

**BTM:** 10 de 09 de 59.

**MW:** Você é natural de onde?

**BTM:** De Carazinho.

**MW:** E onde você reside atualmente?

**BTM:** Porto Alegre, há 20 anos

**MW:** Qual seu estado civil? Você tem filhos?

**BTM:** Casada, tenho uma filha.

**MW:** E qual a tua formação profissional?

**BTM:** Enfermeira.

**MW:** E continua trabalhando na área? Está aposentada?

**BTM:** Não, faz muitos anos. E daí eu costuro, né? Costuro muito, muito.

**MW:** E como que começou na dança de salão?

**BTM:** Eu comecei na dança de salão, mas isso foi na Duo Dança ainda, na época que tinha na Bento Martins. Isso faz... Foi, eu acho, uns dois anos antes da pandemia. E aí lá mesmo eu comecei o tango, mas foi muito pouco, né? Com Jorge Agnes, um professor. E aí depois ele foi embora, a crise fechou e veio a pandemia, daí depois eu continuei fazendo aulas de tango com o Dani Olviedo. E agora? Depois fui para o Valentim, fui para a Gislene.

**MW:** Tu começou então ali um pouquinho antes da pandemia?

**BTM:** Aham, um pouco antes da pandemia.

**MW:** E o que que tu poderia me falar sobre o surgimento dessa prática do contrato? E quando tu começou a contratar?

**BTM:** Sabe que eu, quando eu vou nas milongas, nos lugares, eu não gosto de ficar sentada lá esperando que venha um me tirar pra dançar. Agora eu tô mais tranquila, mas eu achava que eu tinha que dançar a noite inteira. Então, eu contratava o Jorge Agnes na época, né? E depois, como ele foi embora e tal, daí quando eu vou ao Buenos Aires, sim, daí lá já contratei bailarino. E agora, há pouco tempo atrás, eu contratei o Ricardo<sup>33</sup> uma noite, a gente foi lá na Gislene e tal. Mas é muito bom, eu gosto.

**MW:** Você lembra quando foi a primeira vez que você contratou?

**BTM:** Não, isso foi acho que uns dois anos antes da pandemia. Foi ali quando eu comecei o tango mesmo, né? Que daí até vinha pra incentivar a gente, né?

**MW:** E como tu ficou sabendo que existia essa prática?

---

<sup>33</sup> Ricardo Bichler, foi entrevistado para esse trabalho, foi o Ricardo que indicou a Beloni

**BTM:** Foi ele mesmo, o Jorge mesmo que me falou disso, porque eu não sabia, né? É dele que me comentou, né? Que ele fazia esse trabalho e tal, né?

**MW:** E como é que funciona o contrato? Vocês combinam antes o valor, a duração?

**BTM:** Sim. A gente... Quando, na verdade, eu quero ir, que eu quero contratar, eu já combino antes. Aí a gente combina valor, combina horário e se vai... se eu vou sozinha ou se vai mais uma ou duas comigo, sabe? Daí é intercalado, uma tanda<sup>34</sup> pra cada uma e assim vai indo. Depois volta, dá a primeira de novo, né?

**MW:** E costuma contratar dividindo assim?

**BTM:** Já, já. Já foi contratado muito. Na época era eu e uma outra amiga minha. Mas agora, quando contratei o Ricardo foi sozinha. Em Buenos Aires, eu fui com uma amiga minha também daqui, a Malena, não sei se você conhece a Borges. Eu fui sozinha também, né?

**MW:** E o que tu prefere, ir sozinha ou dividindo?

**BTM:** Eu sozinha. Eu prefiro sozinha. Se precisar dividir, eu divido, mas eu não... Eu prefiro sozinha, sabe? Daí, claro, tu contrata pra duas horas, três, quatro, como tu achar. Mas que quatro não tem, né?

**MW:** E que tipo de baile que é?

**BTM:** Milonga, tango, assim.

**MW:** Aqueles jantares dançantes? Você frequentava?

**BTM:** Eu já fui num. A gente foi lá no Lindóia. Fui eu e uma amiga com o Jorge.

**MW:** E vocês têm algum grupo de amigas que contratam? Ou depende do dia?

**BTM:** Não, tu sabe que aqui não tem... não tem muito... Eles não têm muito costume de contratar taxi-dancer<sup>35</sup>, né? Agora, em Buenos Aires, sim. Lá é a mina. É muito bom.

**MW:** E tem bastante disponibilidade?

**BTM:** Tem, tem, claro. Tem muito, só que claro, não é com todos que tu gosta, né? Eu tenho dois que eu gosto. Um que eu só danço com um, quando eu vou. Mas tem um outro lá que se fosse pra dançar, eu também dançaria. Ele é muito querido.

**MW:** E como é que tu conseguia esses contatos lá? De indicação?

**BTM:** Não, não. Foi na própria milonga, tu faz amizade, né? Aulas, às vezes, tem nas aulas, né?

**MW:** Tem aula sempre antes das milongas?

**BTM:** Tem, tem sim.

**MW:** E eu queria que tu me falasse também um pouquinho do que você percebe de mudança nos bailes a partir dessa prática do contrato? Você percebe alguma mudança? Porque antes as mulheres ficavam esperando serem tiradas pra dançar e **BTM:** Sim, tem umas que ficam a noite lá, né? Dançam uma que outra, né? Agora tá bem melhor, bem melhor. Tu tá tranquila, claro, que tu vai, vamos supor, com táxi-dancer, ele não vai dançar todas as tandas, porque ele também tem que descansar, né? Tomar alguma coisa, tomar água, tomar, né? Então, enfim, come alguma coisa, né? Que é por tua conta também. E... Ah, é outro, outro... como é que eu vou te dizer? Outro... Outra prática, outro momento, sabe? É muito bom. Segurança, tu te sente tranquila, porque tu sabe com quem tu tá dançando. Porque sempre tem, né? Os metidinhos, né? Não pense que não tem, porque lá tem muito quanto tem aqui, sabe? Isso é...

**MW:** E o que você percebe de mudança dos comportamentos das mulheres no baile? Tu percebe, convidando pra dançar? Dançando com outras mulheres?

**BTM:** Ah, assim é menos, né? Tu tem que conhecer bem a pessoa pra te... Vamos supor, se eu estiver em Buenos Aires e eu ver um senhor lá, né? E eu quiser dançar com ele, eu vou ficar analisando, né? Se ele cuida, se ele me olha, se ele não me olha, né? E tem o cabeceio, né?

**MW:** Como é o cabeceio?

**BTM:** Cabeceio<sup>36</sup>, fazia o sinalzinho. Se tu não quer ir, faz de quanto que não viu pronto?

**MW:** Um olhar pra chamar a atenção?

**BTM:** É, pode ir ao lado, vai. Eu já fiz muito assim. Mas é muito bom, muito bom. As milongas, na verdade, todas são maravilhosas, né? Eu já fui muito sozinha, sabe? Já fui muito sozinha na milonga, sem taxi-dancer, né? Dancei a noite toda, tranquila, não tenho problema com ninguém. Mas a gente sabe, tem que estar ligada.

**MW:** E tu dança também quando vai sozinho?

**BTM:** Sempre, danço a noite toda, não tenho problema com isso.

---

<sup>34</sup> Conjunto ou série de três a cinco canções tocadas sucessivamente durante uma dança.

Normalmente, todas as músicas de uma tanda são do mesmo estilo (por exemplo, tango, milonga ou vals) e são escolhidas para criar uma experiência de dança coesa e agradável.

<sup>35</sup> Outro termo para personal dancer, muito utilizado em Buenos Aires

<sup>36</sup> Leve movimento de cabeça e com um olhar discreto de interesse.

**MW:** E tu tira os parques de dançar?

**BTM:** Não, eu não tiro. Tanto porque... Assim, tu não tem muito conhecimento assim, né? Tu conhece eles assim, mas eu não me atrevo, né? Se for aqui, eu tiro. Agora lá, eu não tiro.

**MW:** E tu já conhecia alguma mulher que fizesse contrato de dança?

**BTM:** Sim. Já dancei, mas não dancei com o taxi-dancer, né? Ela veio dançar comigo. Muito legal.

**MW:** Lá também ou aqui?

**BTM:** Lá. Aqui também. Aqui a Laura. A Laura, a Clarissa, acho que essas duas que eu sei. Que conduzem também. Dançar com uma mulher é bom pra sentir a tua parte. Como que tu tem que te portar, né? O abraço.

**MW:** Mas no caso delas, dançavam porque convidavam, não como contratadas?

**BTM:** Não, não. Só por dançar.

**MW:** E já passou por alguma situação inusitada? Alguma coisa mais que tu queira compartilhar sobre isso?

**BTM:** Não, bem tranquilo. Tranquilo. Agora que eu fui para Buenos Aires, foi em setembro, que foi meu aniversário, sei lá, né? E daí teve um senhor. Toda vez que eu vou, ele quer dançar comigo, ele vem: "Ah, eu tô dançando com uma mulher... Eu sempre queria dançar com uma mulher maravilhosa que nem você e eu consegui". A noite do meu aniversário, Ele não dançava com mais ninguém, ele só queria vir dançar comigo. E aí, era hora de cantar os parabéns, o cara já tava me puxando a minha mão pra ir dançar, eu disse... Daí, eu disse... "Não, Espera, não. Vai dançar com as outras que tão esperando pra dançar, tem muitas aí que não dançaram. Vai dançar com elas porque eu não vou". Daí, tinha a fila lá pra dança, né? Pra dançar com os cavaleiros, né?

**MW:** A roda de aniversário<sup>37</sup>.

**BTM:** A roda lá. Ele correu na frente de todo mundo lá. Eu disse: "não, vai lá atrás que lá é o teu lugar. Também fui chata. Mas faz parte, né? O meu amigo que tava lá com ela, ele riu tão alto que eu não aguentei. Eles gostam muito do gaúcho brasileiro, do Brasil. Aqui, lá, eles não te fazem cara feia. Aqui tem uns que se acham muito. Se acham porque sabem dançar, porque não sei o quê. Ai, eu já mandei... Eu gosto do Ricardo. Eu acho ele um querido. Ele, o Valentim, tem uns ali. Mas tem uns que... Nem faço muita questão de ir aqui. Prefiro guardar o dinheiro em outro lugar. E ir pra lá. Agora dia 8 eu vou.

**MW:** Que legal. Aproveita. E te agradeço muito pela disponibilidade para a entrevista.

---

<sup>37</sup> É tradição na dança de salão que nos aniversários a(o) aniversariante dance uma música com todos os presentes, durante a música fica trocando as pessoas que dançam com a (o) aniversariante.